



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Engenharia

Reconstrução Cineteatro da Guarda

João Pedro Alexandre da Cunha

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura
(ciclo de estudos integrado)

Orientador: Prof. Doutor Luís Moreira Pinto

Covilhã, outubro de 2014

Agradecimentos

Aos meus pais e irmão, que sempre me apoiaram e tornaram possível este objetivo.

Aos meus colegas e amigos por estarem sempre presentes, por demonstrarem o seu apoio e por toda a sua ajuda.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Luís Moreira Pinto, pela disponibilidade e dedicação na elaboração desta dissertação e ao Prof. António Cunha pela correção do trabalho.

À Câmara Municipal da Guarda por ter disponibilizado o necessário para esta dissertação.

Ao arquiteto Armando Cardoso por ter cedido o seu levantamento do Cineteatro da Guarda

A todos vocês,

Um grande obrigado.

Resumo

O século XX trouxe muitas alterações na sociedade portuguesa. As pessoas passaram a disponibilizar muito mais tempo para as atividades de lazer e a procurar novas formas de divertimento. O cinema surge nesta época e vem ocupar um lugar de destaque nas atividades de ócio um pouco por todas as classes sociais.

O crescimento sucessivo da prática cinematográfica vem realçar a busca por um edifício desenhado exclusivamente para o cinema. No entanto, a legislação veio pôr em causa os cinemas compelindo estes edifícios a reorganizar os seus programas de forma a adaptar o teatro nos seus espaços. Assim surgiram os cineteatros, espaços destinados ao cinema com capacidade para espetáculos de teatro.

Inúmeros cineteatros foram construídos por todo o país e apesar de alguns ainda se encontrarem em funcionamento, todos foram afetados pela degradação do tempo e pelo esquecimento da população. Apesar do esforço para manter estes espaços de história e cultura em funcionamento muitos acabaram por ser abandonados dando a origem a vazios urbanos e culturais com edifícios degradados e insalubres. No entanto devido ao seu valor histórico, às memórias culturais e à sua localização vale a pena apostar na sua requalificação, apostando em edifícios modernizados e adaptados aos novos tempos, tecnologias e experiências. Tratam-se de edifícios com capacidade de adaptação e aproveitando o que tem de melhor (história e localização), podem vir a tornar-se de novo no centro da cultura das pequenas e médias cidades onde se inserem.

O Cineteatro da Guarda é um destes casos de abandono. Um espaço carregado de história que foi esquecido pelo tempo, que busca agora uma nova oportunidade de brilhar. ´

Palavras-chave

Século XX, Portugal, Sociedade, Lazer, Cinema, Cineteatro.

Abstract

The twenty first century brought with it many changes in Portuguese society. People start to spend more time in there's recreational activities and always looking for new way of amusement. In this period the cinema develops and acquires a one of the first places in pleasure activities for people of all status.

The constant development and growing of the cinematic industry provides the need for a building projected only for that industry. However the law put a stop to this need, implying that these buildings should be rearranged to support also the theater within them. With this de Movie Theaters are born. These are spaces meant cinema that are able to receive theaters shows.

Many Movie theaters were built across the country and despite some are still open to public, all of them were deeply affected by time degradation and were forgotten by the public. Although the effort made to keep this historical and cultural building open to public many of them finish being neglect and abandoned leading to urban and cultural blanks and empty spaces in decaying buildings. However due to their historical value, the cultural memory's and location in the cities it's well worth it to fight on his recovery. Betting on modern building in demand of new times, technologies and knowhow. This are buildings that are able to adapt and advantage of what they have better (history and location), may became the new cultural spots of the small and medium cities they are in.

The Movie Theater of Guarda (Cineteatro da Guarda) is one of that build left to abandon. One place full of history that was forgotten by time, which now looks for a new chance to glow.

KeyWords

XX Century, Portugal, Society, Good Times, Cinema, Movie Theater

Índice

CAPÍTULO I	1
Introdução.....	1
1. Portugal no Século XX	5
1.1. Contextualização histórica e política	5
1.2. Sociedade Portuguesa.....	8
1.2.1. 1ª República	8
1.2.2. Estado Novo	13
1.2.3. O período de 1960-1995	14
1.3. Os tempos livres da população portuguesa.....	18
CAPÍTULO II	23
2. O cinema em Portugal.....	23
2.1. Do animatógrafo aos cineteatros.....	23
CAPÍTULO III	33
3. Casos de estudo	33
3.1. Fórum Luísa Todi, Setúbal	33
3.1.1. História	33
3.1.2. Reconstrução.....	34
3.2. Cineteatro Éden, Lisboa	36
3.2.1. História	36
3.2.2. Reconstrução.....	38
3.3. Cineteatro Alba, Albergaria-a-Velha	39
3.3.1. História	39
3.3.3. Reconstrução.....	40
CAPÍTULO IV	41
4. Caso Prático – Cineteatro da Guarda	41
4.1. História	41
4.2. Projeto – Memória descritiva e justificativa	47
4.2.1. Introdução.....	47
4.2.2. Objetivos	47
4.2.3. Localização	48
4.2.4. Programa	49
4.2.5. Conceito	54
4.2.6. Espaços Interiores e Estacionamento	55

4.2.7. Aspectos Técnicos e Materiais	60
Reflexões finais.....	63
Referências Bibliográficas	67
Anexos	71

Lista de Figuras

Figura 1 - Proclamação da Republica http://cursogestaodocumental.blogspot.pt/	5
Figura 2 - Ditadura militar http://25deabrilrevolucaodoscravos.blogspot.pt	6
Figura 3 - Revolução de 25 de Abril de 1974 http://www.sabado.pt/Dossies-SABADO/Dossies-SABADO/Especial-25-Abril/Fotogaleria-(440).aspx	7
Figura 4 - Embarque para o Brasil http://www.sempevasco.com/conteudo/conteudo.php?id=71	9
Figura 5 - Apanha do trigo http://valesmortos.blogspot.pt/2010/02/antigamente-no-campo.html	10
Figura 6 - Indústria conserveira http://memoriacomhistoria.blogspot.pt/2009/06/industria-conserveira-no-algarve.html	12
Figura 7 - Praia do Tamariz, Estoril http://espacoememoria.blogspot.pt/2011/09/o-estoril-e-as-origens-do-turismo-em.html ...	16
Figura 8 - Embarque tropas portuguesa http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Colonial_Portuguesa	17
Figura 9 - Família assistir televisão http://historiacom.wordpress.com/2012/05/16/a-invencao-da-televisao/	18
Figura 10 - Baile privado http://milafzmakeup.wordpress.com/category/dicas-e-curiosidades/page/2/	19
Figura 11 - Entrada antigo teatro Éden, Lisboa http://citizengrave.blogspot.pt/2012/11/joshua-benoliel-teatros-e-cinemas.html	20
Figura 12 - Assistencia jogo Académica vs Benfica http://chamagloriosa.blogspot.pt/2012/09/academica-vs-benfica-o-futebol-como.html	20
Figura 13 - Cena de “Saída do pessoal operário da Fábrica confiança” https://www.youtube.com/watch?v=NwRAUniWJPY	23
Figura 14 - Interior sala espetáculos http://www.luizberto.com/esquina-leonardo-dantas-silva/no-tempo-do-	24
Figura 15 - Salão Ideal, Lisboa http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2012/11/cinematografos-e-animatografos.html	24
Figura 16 - Cena de “A Severa” https://www.youtube.com/watch?v=xHU2bLZmNMw	25
Figura 17 - Interior do S. João http://www.cinemasdoporto.com/cinemas_SJo%E3o.htm	25
Figura 18 - Cineteatro de São Brás http://www.algarvefilm.com/site/index.php?module=FMS&func=view&ot=location&id=269&oldfunc=&search=	26
Figura 19 - Cinema Paris-Soir http://www.parisenimages.fr/fr/galerie-collections/theme/CINEMA?recherche=&debut=&fin=&page=4	27
Figura 21 - Cineteatro Avenida, Castelo Branco http://www.albigec.pt/pt/equipamentos/cine-teatro-avenida.aspx	28
Figura 20 - Cineteatro de Mangualde http://www.metronews.com.pt/2013/01/02/mangualde-o-nosso-patrimonio-cineteatro-de-mangualde/	28
Figura 22 - Cineteatro da Guarda http://www.origens.pt/explorar/doc.php?id=2031	29
Figura 23 - Cineteatro Joaquim D’Almeida, Montijo http://cinemaoscopos.blogspot.pt/2013/08/cine-teatro-joaquim-dalmeida-montijo.html .	29

Figura 24 - Edifício Avenida á noite, Aveiro	
http://citizengrave.blogspot.pt/2012_06_11_archive.html	30
Figura 25 - Publicidade ao filme “Montgomery”, Cinema Avis	
http://restosdecoleccion.blogspot.pt/search/label/Cinemas%20de%20Lisboa	30
Figura 26 - Centro comercial Cruzeiro, Estoril	
http://guedelhudos.blogspot.pt/2012/01/centro-comercial-cruzeiro.html	31
Figura 27 - Teatro rainha D. Amélia, Setúbal	
http://www.forumluisatodi.pt/?page_id=10	33
Figura 28 - Fórum Luísa Todi	
http://www.forumluisatodi.pt/?page_id=104	34
Figura 29 - Fórum Luísa Todi (reconstruído)	
http://www.forumluisatodi.pt/?page_id=79	34
Figura 30 - Sala Multiusos	
http://www.mun-setubal.pt/pt/pagina/forum-municipal-luisa-todi/71	35
Figura 31 - Sala de espetáculos	
http://www.forumluisatodi.pt/?page_id=79	35
Figura 32 - - Garagem Beauvelet	
http://cinemasparaiso.blogspot.pt/2012/07/eden-o-gigante-dos-restauradores.html	36
Figura 34 - Music Hall	
http://cinemasparaiso.blogspot.pt/2012/07/eden-o-gigante-dos-restauradores.html	37
Figura 35 - Éden Teatro	
http://cinemasparaiso.blogspot.pt/2012/07/eden-o-gigante-dos-restauradores.html	37
Figura 33 - Sala Animatógrafo, Music Hall	
http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2011/01/cinema-eden.html	37
Figura 36 - Éden Teatro	
http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2011/01/cinema-eden.htm	37
Figura 35 - Éden Teatro	
http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2011/01/cinema-eden.htm	37
Figura 38 - Escadaria, Éden Teatro	
http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2011/01/cinema-eden.html	38
Figura 37 - Sala, Éden Teatro	
http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2011/01/cinema-eden.html	38
Figura 40 - Fachada, Aparthotel Éden	
http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6228	38
Figura 39 - Planta, Aparthotel Éden	
http://www.fvarq.com/	38
Figura 41 - Piscina, Aparthotel Éden	
http://www.fvarq.com/	38
Figura 42 - Aparthotel Éden	
http://www.fvarq.com/	38
Figura 44 - Cineteatro de Alba	
http://fabrica-alba.blogspot.pt/2010/10/uma-das-empresas-precursoras-das.html	39
Figura 43 - Sala, Cineteatro Alba	
http://blogdealbergaria.blogspot.pt/2008/09/cine-teatro-alba-dcada-de-50.html	39
Figura 45 - Sala, Cineteatro Alba (reconstruído)	
http://www.cineteatroalba.com/cine-teatro-alba/os-espacos/	40
Figura 46 - Cineteatro Alba (reconstruído)	
http://www.cineteatroalba.com/visitas-guiadas/	40
Figura 47 - Cineteatro Guarda, Fachada	
Imagem do autor, Agosto 2014	41
Figura 48 - Cineteatro da Guarda, Alçado	
Dossier do processo de obra nº01-1948-146	41
Figura 49 - Cineteatro da Guarda, Planta nível da Plateia	
Dossier do processo de obra nº01-1948-146	42

Figura 50 - Cineteatro da Guarda, Planta nível do1º Balcão	
Dossier do processo de obra nº01-1948-146.....	43
Figura 51 - Cineteatro da Guarda, Planta nível do 2º Balcão	
Dossier do processo de obra nº01-1948-146.....	43
Figura 52 - Cineteatro da Guarda, Alçado lateral esquerdo	
Dossier do processo de obra nº01-1948-146.....	44
Figura 53 - Cineteatro da Guarda, Planta implantação	
Dossier do processo de obra nº01-1948-146.....	44
Figura 59 - Cineteatro da Guarda, Corte transversal	
Dossier do processo de obra nº01-1948-146.....	45
Figura 58 - Cineteatro da Guarda Planta, Corte longitudinal	
Dossier do processo de obra nº01-1948-146.....	45
Figura 57 - Cineteatro da Guarda, Alçado posterior	
Dossier do processo de obra nº01-1948-146.....	45
Figura 54 - Cineteatro da Guarda, Planta subpalco e cabine	
Dossier do processo de obra nº01-1948-146.....	45
Figura 55 - Cineteatro da Guarda, Alçado lateral direito	
Dossier do processo de obra nº01-1948-146.....	45
Figura 56 - Cineteatro da Guarda, Planta cobertura	
Dossier do processo de obra nº01-1948-146.....	45
Figura 56 - Cineteatro da Guarda, Planta cobertura	
Dossier do processo de obra nº01-1948-146.....	45
Figura 60 - Fachada lateral direita	
Imagem do autor, Agosto 2014	46
Figura 61 - Fachada lateral esquerda	
Imagem do autor, Agosto 2014	46
Figura 62 - - Fachada Principal, acesso rua Dr. Francisco dos Prazeres	
Imagem do autor, Agosto 2014	46
Figura 63 - Pormenor caixa de palco	
Imagem do autor, Agosto 2014	46
Figura 64 - Acesso lateral ao palco	
Imagem do autor, Agosto 2014	46
Figura 65 - Acesso lateral piso -1	
Imagem do autor, Agosto 2014	46
Figura 66 - Cineteatro da Guarda, Fachada	
Imagem do autor, Agosto 2015	47
Figura 67 - Fotografia aérea	
Google Earth.....	48
Figura 68 - Cineteatro da Guarda. Distribuição das diferentes áreas. Intervenção.....	49
Figura 69 - Cineteatro Guarda. Perspetiva do Restaurante. Intervenção.....	50
Figura 70 - Cineteatro Guarda. Perspetiva do Restaurante. Intervenção.....	50
Figura 71 - Cineteatro Guarda. Perspetiva da Bilheteira e Bengaleiro. Intervenção	51
Figura 72 - Cineteatro Guarda. Perspetiva do Foyer. Intervenção.....	51
Figura 73 - Cineteatro Guarda. Perspetiva da Sala Multiusos. Intervenção	52
Figura 74 - Cineteatro Guarda. Perspetiva da Sala de Espetáculos. Intervenção	53
Figura 75 - Cineteatro Guarda. Perspetiva da Sala de Espetáculos. Intervenção	53
Figura 76 - Cineteatro Guarda. Perspetiva do Camarim Individual. Intervenção.....	53
Figura 77 - Cineteatro da Guarda. Distribuição do Programa Piso -1. Intervenção	56
Figura 78 - Cineteatro da Guarda. Distribuição do Programa Piso 0. Intervenção	57
Figura 79 - Cineteatro da Guarda. Distribuição do Programa Piso 1. Intervenção	58
Figura 80 - Cineteatro da Guarda. Distribuição do Programa Piso 2. Intervenção	59

Lista de Siglas e Acrónimos

UBI - Universidade da Beira Interior

MFA - Movimento forças armadas

JSN - Junta salvação nacional

EFTA - Associação europeia de livre comércio

EUA - Estados Unidos da América

IGE - Inspeção geral dos espetáculos

IE - Inspeção dos espetáculos

ETU - Espaço tempo e utopia

CAPÍTULO I

Introdução

Esta dissertação tem como tema a “Reconstrução do Cineteatro da Guarda”. No entanto, o cineteatro da Guarda é apenas mais um entre tantos que se edificaram em Portugal durante o século XX.

Antes do trabalho prático, é necessário perceber a importância deste tipo de edifícios para o local onde se inserem. Temos que estudar a sua história e o período social a que remontam. Assim, o trabalho iniciou-se com uma pesquisa sobre a história política e social de Portugal durante o século XX. Torna-se, também, importante perceber como a população ocupava os seus tempos livres e de que maneira as alterações de cariz sociais modificaram as suas vidas e os seus passatempos.

A sociedade portuguesa sofreu profundas alterações durante o século XX. Isto deve-se, a mudanças de políticas governamentais e a alterações de paradigmas da sociedade. Portugal inicia o século com uma crise monárquica que vai acabar numa revolução republicana. Este período é caracterizado por uma população essencialmente rural. A maior parte dos habitantes vivem ainda isolados e distantes da política interna do país, quer pelo fraco nível de alfabetização, quer pelas distâncias físicas de um país pouco modernizado.

No fim da república e início da ditadura militar, o país passa por um período marcado pelo desenvolvimento da indústria nacional. Este desenvolvimento tem como consequência o aumento da população e êxodo rural. Assim, deparamo-nos com um aumento generalizado dos núcleos urbanos, com maior relevância para as cidades de Lisboa e Porto.

Durante esta ditadura, Estado Novo, a população trabalhadora de classes inferiores vê reconhecidos diversos direitos proclamados durante décadas. A instituição do salário mínimo e do horário de trabalho vai permitir o acesso a atividades de lazer a toda a população portuguesa. Com cada vez mais pessoas a procurarem formas de passarem o tempo livre, vem um aumento significativo das empresas destinadas a esta atividade.

No final do século XIX, é apresentado o animatógrafo. Inicialmente apenas um complemento visual a outras atividades de lazer, como o teatro ou feiras, rapidamente se transforma na atividade de lazer de excelência, o cinema.

Com a crescente evolução da atividade cinematográfica, é necessária a criação de espaços destinados à mesma. No entanto, a promulgação, em 1927, do decreto-lei nº13.564, que prevê

o complemento dos programas cinema e teatro, vem assim introduzir uma nova tipologia arquitetónica, os cineteatros. Espaços destinados sobretudo ao cinema, mas que possuem características de teatros, com o palco, fosso de orquestra e camarins.

Este documento encontra-se dividido em três capítulos.

O primeiro referente a Portugal no século XX. Neste, faço uma breve contextualização histórica e política do país, com os acontecimentos mais importantes relacionados com os diversos governos e a sua relação com a sociedade portuguesa. Tem como objetivos demonstrar as alterações sociais perante o desenvolvimento do país e de que forma estas alterações modificaram a vivência da população em ambientes urbanos e rurais.

Outra parte do capítulo é dedicada à forma como a população ocupava os seus tempos livres. Um direito que até ao século XX era apenas das classes superiores é agora expandido a todas as classes. Com esta diversificação de classes a usufruir de atividades de lazer surgem novas formas de divertimento para todos os gostos e finanças.

O segundo capítulo é intitulado “O Cinema em Portugal”. Começa por contar a história do cinema em Portugal, desde o primeiro espetáculo do animatógrafo em Lisboa, até aos primeiros filmes sonoros portugueses e a consequente massificação do cinema.

O mesmo capítulo é dedicado aos cineteatros. Explica-se a razão do seu aparecimento e as suas características, bem como a maneira como a legislação influenciou a sua forma, imagem e programa assim como a importância destes edifícios para a culturalização da população.

O terceiro capítulo é onde apresento casos de estudo. Estes, trata-se de cineteatros que achei importantes conhecer para a reconstrução do cineteatro da Guarda. Foram escolhidos devido ao seu valor patrimonial e porque se relacionam, de alguma maneira, com o meu caso prático. São edifícios do mesmo período e construídos de raiz para as funções de cineteatro tal como o cineteatro da Guarda.

No caso do Cineteatro Alba e do Fórum Luísa Todi, trata-se de edifícios já reconstruídos e modernizados para as mesmas funções de casa de espetáculos. Torna-se importante o seu estudo para perceber o tipo de programa adotado e relação com a história dos edifícios. Assim, faço um pequeno apanhado da história destes edifícios e das recentes reconstruções e modernizações dos mesmos.

O cineteatro Éden foi escolhido por ser um ícone dos cineteatros e cinemas do século XX. Depois de perder a sua glória cinematográfica encontrou novo uso num aparthotel que beneficia da sua localização preferencial. Trata-se de uma reconstrução para uma atividade diferente, no entanto, não deixa de ser admirável que este pedaço de história não desapareça. Neste caso, conto um pouco da história do local onde se encontra o Éden, os diversos estados por que passou

este local. Começa como um *stand* de automóveis que é convertido em sala de espetáculos até que nasce o cineteatro Éden e, depois de décadas, reconvertido em aparthotel.

O terceiro e último capítulo é referente ao caso prático que dá nome à dissertação, “Reconstrução do Cineteatro da Guarda”.

Escolhi este edifício para o projeto porque sou natural da cidade da Guarda e sempre me intrigou o abandono e decadência do edifício. Pois, trata-se de um edifício com uma ótima localização central, com uma fachada imponente e marcante que traz muitas lembranças aos locais numa altura em que o cinema era uma ocupação de tempo importante e, acima de tudo, uma forma de comunicação.

Iniciei a pesquisa sobre o cineteatro com uma visita à Câmara Municipal da Guarda, onde as pessoas foram muito prestáveis e onde permitiram que acesse ao processo do cineteatro. Fui capaz de digitalizar o projeto original, incluindo plantas, cortes, alçados e memória descritiva. Foi-me possível aceder a outros projetos de reconstrução para o edifício. Com isto, fui capaz de entrar em contacto com o arquiteto Armando Cardoso que nos anos 90 submeteu uma proposta de intervenção do edifício para aí ser construído um centro comercial e escritórios. Sendo que o seu projeto não me iria ser útil, o levantamento do edifício que o arquiteto elaborou e me disponibilizou foi imensamente importante para o trabalho. Isto porque, apesar de dispor das plantas originais, havia demasiadas discrepâncias com o que realmente foi construído.

A informação sobre a história do edifício não foi tão simples de encontrar, dado não ter encontrado estudos sobre o mesmo. Tendo que me guiar por peças em periódicos da cidade da Guarda, a informação acaba por ser escassa.

Assim a minha proposta para o cineteatro da Guarda assenta na reconstrução e modernização do edifício para a mesma função para que foi criado. No entanto, dado a conjuntura do país, terá que ser mais que um cinema e um teatro. A ideia principal para esta reconstrução é manter a fachada frontal inalterada, para assim transmitir a continuidade histórica do edifício. O resto do programa é inspirado pela história dos cineteatros e pelos exemplos estudados.

1. Portugal no Século XX

1.1. Contextualização histórica e política

Portugal iniciava o século XX com um sistema político próximo dos países da Europa ocidental, uma monarquia liberal de estilo britânico.

O ultimato britânico é o início do fim da monarquia, este apresentado a Portugal em 1890. Este ordenava a Portugal e a Moçambique que retirasse todas as forças militares das regiões do interior africano. Isto porque o objetivo de Portugal dominar o eixo horizontal africano, unindo, assim, Angola e Moçambique, colidia com os planos britânicos de ligar a Cidade do Cabo ao Cairo num eixo vertical. Não tendo capacidade militar para rivalizar com Inglaterra, o governo português rendeu-se às exigências britânicas. Esta ação do governo suscitou imediatamente uma onda de indignação e protestos patrióticos. Protestos que viraram manifestações, instigadas, já, por defensores da república.

Em 1908, o rei D. Carlos e o príncipe herdeiro D. Luís Filipe são assassinados em Lisboa. Assume a monarquia o segundo filho de D. Carlos, D. Manuel II. Este nunca fora preparado para assumir o trono e seria o último rei de Portugal.

A queda do regime deu-se em Outubro de 1910. Quando apenas duas unidades militares liderados por Machado Santos, com o apoio de civis armados e navios de guerra derrubou a monarquia, com pouca resistência e contabilizando reduzidas vítimas. “Em bom rigor, a queda do regime foi mais produto da desorganização... do que de um grande e maciço triunfo militar e civil republicano”¹.

Na manhã de 5 de Outubro de 1910 é proclamado, na varanda da Câmara Municipal, a República e um governo provisório sob a presidência de Teófilo Braga.



Figura 1 - Proclamação da República
<http://cursogestaodocumental.blogspot.pt/>

¹ SARDICA, José Miguel. *O Século XX Português*. Alfrachide: Texto, 2011.p.24.

A 1ª República portuguesa pode-se dividir em três breves períodos. Inicialmente chamada a “República Velha”, entre 1910-1917, é dominada pelo influente Afonso Costa. Seguida de um domínio de Sidónio Pais, que dá nome ao período “Consulado Sidonista” entre 1917 e 1918. Este, funciona como uma ditadura escondida no funcionamento das instituições republicanas. Mais tarde e numa “tentativa falhada de relançar o regime”² no período de 1919 e 1926 vem a “Nova República”.

Tal como os republicanos, em 1910, o general Manuel Gomes da Costa não encontrou resistência quando, em 1926, marchou sobre Lisboa derrubando o governo e proclamou uma ditadura militar. “O *status quo* político existente não tinha ninguém disposto a defendê-lo contra os mais variados inimigos”³.



Figura 2 - Ditadura militar
<http://25deabrilrevolucaodoscravos.blogspot.pt>

A ditadura militar foi um período de transição enquanto não era encontrado uma força política que reunia todas as condições para exercer um “monopólio de poder duradouro”⁴.

Em 1928, o presidente da ditadura militar Óscar Carmona convida Oliveira Salazar para ministro das finanças. Salazar teria total controlo sobre as despesas do estado. Nos 4 anos seguintes “expandiu os seus poderes executivos e alargou a sua plataforma de apoio, num estilo de atuação maquiavélico, seduzindo e cooptando amigos e rivais”⁵.

Percebendo que Salazar seria o homem indicado, o presidente Carmona, nomeia-o primeiro-ministro ou presidente do conselho. Assim, em 1932, tomou posse o 8º governo da ditadura militar com Oliveira Salazar ao leme. “Fazendo do seu governo a mais longa ditadura pessoal da Europa do século XX”⁶.

² SARDICA, José Miguel. *O Século XX Português*. Alfrachide: Texto, 2011.p.37.

³ *Idem*. p.48.

⁴ *Idem*. p.56.

⁵ *Idem*. p.58.

⁶ *Idem*. p.59.

O Estado Novo, como ficou conhecido a ditadura de Salazar, pode também ser subdividido em três períodos cronológicos. O primeiro, entre 1933 e 1945, é referente a consolidação do poder de Salazar, política e institucionalmente. O segundo, entre 1945 e 1961, constitui o apogeu do Estado Novo. Já o terceiro de 1961 a 1974 marca o início do fim do regime.

Em Setembro de 1968, Salazar sofre um acidente vascular-cerebral que o deixa incapacitado. Assim o seu sucessor, nomeado pelo então presidente Américo Tomás é Marcelo Caetano. Iniciando assim um período intitulado “marcelista” que dura até 1974.

Na madrugada de 25 de Abril de 1974 o MFA ocupou todos os edifícios políticos, militares e de órgão de informação em Lisboa. Obrigando assim Marcelo Caetano a refugiar-se. Com centenas de militares e população a invadirem as ruas de Lisboa, Caetano aceita render-se. Pouco tempo depois o general Spínola anuncia que a ditadura chegara ao fim e a formação de uma Junta de Salvação Nacional, presidida por ele.

Depois da formação da JSN, um poder executivo provisório, Spínola, torna-se o primeiro presidente da República a ser nomeado a 15 de Maio de 1974.

Também este período histórico português, desde 1974 até ao presente, pode ser dividido em três fases cronológicas. Até 1976 temos os anos da revolução. De seguida temos as décadas de consolidação até 1986. E por ultimo a era da integração europeia.



Figura 3 - Revolução de 25 de Abril de 1974
[http://www.sabado.pt/Dossies-SABADO/Dossies-SABADO/Especial-25-Abril/Fotogaleria-\(440\).aspx](http://www.sabado.pt/Dossies-SABADO/Dossies-SABADO/Especial-25-Abril/Fotogaleria-(440).aspx)

1.2. Sociedade Portuguesa

1.2.1. 1ª República

No início do século XX, Portugal tinha praticamente duplicado o número de habitantes em relação ao início do século passado. “ De facto, entre 1801 e 1911, a população portuguesa sofreu um acréscimo de 89%”⁷, atingindo o valor de mais de 5 milhões e meio de habitantes.

A maior densidade populacional encontrava-se diretamente proporcional com o nível de riqueza das regiões. O noroeste atlântico com uma elevada produtividade agrícola registava a maior densidade. Em suma, a densidade estava relacionada com a rentabilidade do sector primário.

Já na República, os censos de 1911 davam conta de um aumento populacional, atingindo perto de 6 milhões de habitantes. No entanto, em 1920 este número pouco se alterou, “ é que só a emigração desfalcara o País em quase meio milhão de indivíduos”⁸, com diferentes epidemias e a guerra a levarem outras dezenas de milhares.

A grande maioria da população habitava o campo, em oposição menos de 20% viviam nas cidades e grande parte destes conjuntos habitava Lisboa e o Porto. Lisboa vai subir exponencialmente o número de habitantes, atingindo quase os 600 mil na década de 30. Com o passar destas duas décadas nota-se um grande atração urbana, especialmente por Lisboa.

A emigração veio afetar os primeiros anos do regime republicano, época da “grande emigração”. Nos primeiros 4 anos de regime, Portugal perdeu 300 mil habitantes para o estrangeiro, sobretudo Brasil. Com o início da década de 30 a emigração ultrapassa o milhão de indivíduos. Saíam do país as classes inferiores, maioritariamente trabalhadores agrícolas, pequeno comércio, empregados na construção civil ou de profissões domésticas. Tratava-se de famílias “desesperadas pelo fraco rendimento das suas propriedades mini parceladas” e pelo “fraco desenvolvimento da indústria e comércio de Portugal”⁹. Deslocavam-se muitas vezes para as cidades, uma fase intermediária antes da emigração. Outra razão para emigrar era basicamente em busca de uma vida melhor, que os emigrantes retornados mostravam.

⁷ H.A., Oliveira Marques. *História Portugal Contemporâneo: Economia e sociedade*. Lisboa: Universidade Aberta, 1993.p.15.

⁸ *Idem*. p.121.

⁹ *Idem*. p.128.



Figura 4 - Embarque para o Brasil

<http://www.semprevasco.com/conteudo/conteudo.php?id=71>

Durante os primeiros anos do regime republicano, o povo português trabalhava maioritariamente no sector primário, essencialmente na agricultura. Portugal não tinha condições para a industrialização e não poderia competir com outros países.

No entanto, havia pessoas que achavam o contrário, em 1916, Azeredo Perdigão publicou uma monografia onde defendia o desenvolvimento do mercado nacional através de pautas protecionistas e do fomento da indústria portuguesa. Justificando-se com a exportação para o mercado colonial, brasileiro e mesmo europeu. Em 1918, Geraldo Coelho, gizou um plano industrial onde o Estado daria apoio ao desenvolvimento de infraestruturas, oferecendo créditos, adquirindo parte da produção e criando proteções aduaneiras.

No período de 1914-1915, o número de estabelecimentos fabris rondava os 7 mil e empregava 124 mil pessoas. Em 1921, o número já havia subido para 20 mil estabelecimentos e 150 mil empregados.

No fim da 1ª República, o número de fábricas aumentou 8 vezes e o número de operários mais que duplicou.

No entanto, as indústrias em si não tinham crescimento, aumentavam em número, mas estas não evoluíam. A razão para tal era de cariz social: “Mão-de-obra cada vez mais cara, diminuição do proletariado feminino e infantil, generalização do princípio do descanso semanal, baixa no número de horas de trabalho, interrupções forçadas por greves e *lock-outs*, começos da assistência médica e escolar ao trabalhador, etc., tudo isto se refletiu necessariamente numa indústria rudimentar e que pretendia libertar-se de freios para crescer sem limites”¹⁰.

A indústria têxtil era a que mais pessoas empregava, com 37 mil operários em mais de 400 fábricas. Seguindo-se, de longe, a indústria alimentar.

¹⁰ H.A., Oliveira Marques. *História Portugal Contemporâneo: Economia e sociedade*. Lisboa: Universidade Aberta, 1993.p.117.

Com um crescimento constante, a indústria, em 1924, empregava mais de 217 mil pessoas, o dobro de 1912, contava com mais de 25 mil unidades fabris.

Viver na aldeia

No início do século, Portugal era um país predominantemente agrícola, o censo de 1900 registava a existência de mais de 3,5 milhões de pessoas sustentadas pela agricultura, 64% da população. A viver no campo, seriam mais de 4,3 milhões de indivíduos, 79,6% da população. Só em 1930 estes números haveriam de baixar, mas somando os agricultores exclusivos e os semirrurais não andavam longe dos 4 milhões.

No fim da 1ª República, cerca de 39% de toda a propriedade rural era explorada por arrendamento. Mais de metade dos trabalhadores, não tendo terrenos suficientes para sustentar a sua família, acabava por se converter num rendeiro ou num assalariado. Acabando, também, por se deslocar para trabalhos sazonais. Cada um destes trabalhadores recebia por dia uma média de 280 réis, variando de local para local. Sendo que mais de metade deste salário era despendido na alimentação. O dia de trabalho rondava as 9 horas. Com o passar dos anos e o aumento da emigração e a consequente escassez de mão-de-obra, houve um aumento considerável do valor do salário.



Figura 5 - Apanha do trigo
<http://valesmortos.blogspot.pt/2010/02/antigamente-no-campo.html>

Viver na cidade

Na indústria, eram efetivos cerca de 85 mil obreiros (homens, mulheres e crianças) em 1907, 142 mil dez anos mais tarde, 217 mil em 1924 e já a rondar os 300 mil em 1930. Em termos de classe social, a estes números há que acrescentar a população dependente destes (velhos, mulheres não obreiras, crianças e outros). Pertenciam a esta classe 214 mil pessoas em 1907, 356 mil em 1917, 545 mil em 1924, 750 mil em 1930.

Em 1917, Lisboa e Porto não davam mais de um terço da mão-de-obra industrial efetiva, mas já contavam com mais de metade dos proletários vivendo no país. Existiam ainda pequenos focos industriais, como o da Covilhã, Marinha Grande, Tomar e parte do Algarve.

Em 1924, Lisboa acolhia 230 mil proletários e o Porto 70 mil, em 1930 aumentariam, respetivamente, para 280 e 90 mil pessoas. A percentagem de proletários entre os habitantes foi aumentando. O que se explica com o surto das atividades industriais do país: uns 25% à data da proclamação da República, à volta de 38% em 1920 e à roda dos 48% em 1930.

Com estes números, podemos admitir que a base das populações urbanas de Portugal não era de raiz predominantemente operária.

Esta classe social foi mais abrangida pela legislação que os trabalhadores agrícolas. Desde o início do século, ainda durante a monarquia, começou a existir legislação que a curto ou a longo prazo veio conduzir a uma melhoria significativa das condições de trabalho do proletário urbano. Era referente, sobretudo, aos horários de trabalho, acidentes de trabalho, e arbitragem em disputas entre operários e patrões. Uma das principais leis foi a fixação de um horário de trabalho razoável. Anteriormente os horários de trabalho dependiam do “capricho” dos patrões, não existindo sequer um dia de descanso semanal. Sendo as 12 horas um dia normal de um trabalhador. Com a lei de 1907 foi estabelecido um horário para todos os trabalhadores com a cláusula do descanso semanal obrigatório.

As condições de habitação destes trabalhadores também estiverem em discussão. Dado que, durante a República, quase a totalidade das famílias operárias viviam com menos de uma divisão por pessoa. Só durante o ano de 1919 é que o Estado disponibilizou fundos para a construção de bairros operários.

A preocupação pela questão social, nos últimos anos da Monarquia e durante a 1ª República, levou a que fossem realizados alguns inquéritos importantes, ao nível oficial, sobre as condições de vida do operário fabril.

Em 1916, um destes inquéritos referia que, das 538 famílias operárias, quase metade vivia em permanente *deficit* orçamental. Os custos da alimentação chegavam a superar o orçamentos da família, nunca chegando a descer dos 56% do orçamento total. O inquérito de 1920 revelou apenas algumas mudanças.

O rendimento de um operário industrial, pré república, da Covilhã rondava os 400 réis por dia e um de Lisboa rondava os 500 ou 600. Existia uma grande disparidade entre os salários, tanto nos diversos sectores industriais como a nível regional.

A desvalorização da moeda e as constantes reivindicações operários fizeram elevar estes números para cerca de 1\$00 (100 réis) em 1916 e 13\$20 em 1926. Em comparação um

marceneiro recebia, em 1925, 24\$00 por dia, um pintor ou tipografo 20\$00 e um pedreiro 18\$00. Mesmo com estes aumentos significativos, num grupo de 15, Lisboa vinha na cauda com um índice salarial de 38 em 100.



Figura 6 - Indústria conserveira
<http://memoriacomhistoria.blogspot.pt/2009/06/industria-conserveira-no-algarve.html>

Torna-se muito mais difícil avaliar o número da população burguesa urbana, pois os censos não registavam tal informação. No entanto, o censo de 1900 sugeria a existência de um mínimo de 600 000 burgueses no território nacional, com 330 mil dependendo do comércio, quase 100 mil das profissões liberais, 70 mil da força pública, 60 mil vivendo exclusivamente de rendimentos e 50 mil ocupados na administração do Estado. A estes números ter-se-iam de acrescentar os patrões e empregados superiores e médios da indústria e dos transportes, alguns milhares rubricados em “trabalhos domésticos” (não incluindo a criadagem) e em “improdutivos” ou de “profissão desconhecida”.

Deste total mais de metade vivia em Lisboa e no Porto.

Durante as seguintes décadas, houve um aumento considerável da burguesia, atingindo mais de 1,2 milhões em 1930. “Em trinta anos, a burguesia duplicara, quando a população total não aumentara mais de 25%”¹¹.

A segunda guerra mundial trouxe alterações. Numerosos pequenos burgueses subiram na escala social, ingressando na média e até na grande burguesia. “Era o resultado das circunstâncias anormais causadas pela conflagração, com os negócios irregulares, de toda a ordem, que provocou”¹². Assim surgiram os “novos-ricos”. Não apenas estes lucraram com a guerra, muitos banqueiros, industriais e comerciais aumentaram os seus capitais e ampliaram os seus investimentos, quer no comércio, na indústria e na propriedade fundiária. No lado oposto, surgiu uma nova categoria, bem mais numerosa, de “novos-pobres”. Faziam parte dela todos

¹¹ H.A., Oliveira Marques. *História Portugal Contemporâneo: Economia e sociedade*. Lisboa: Universidade Aberta, 1993.p.239.

¹² *Idem*. p.240.

aqueles que viviam de rendimentos fixos ou de difícil modificação: pensionistas, juristas, funcionários públicos, oficiais do exército, professores, etc. Todos eles baixaram de classe social endividando-se aos poucos na tentativa desesperada de manterem a condição a que estavam acostumados.

1.2.2. Estado Novo

A sociedade portuguesa sofreu uma profunda transformação no século XX. Será fácil de detetar “o esvaziamento dos campos, a concentração dos homens, a emigração, o enriquecimento global e a escolarização maciça, remetendo evidentemente cada um deles para mudanças sectoriais específicas durante o período salazarista”¹³.

O Estado Novo procurou guiar a sociedade portuguesa através de moldes de direito e moral. A nação portuguesa era para Oliveira Salazar uma “entidade mística” que se formara durante séculos de gerações, com trabalho e solidariedade árdua. Semelhante à pátria, unida pela história e tradições. Este pensamento serviu de mote para um regime de política estrutural portuguesa: o “Estado Social e Corporativo: a família, como célula básica, depois a freguesia, o município...foram então cobertos de dignidade constitucional”¹⁴.

O trabalho

Um dos objetivos do Estado era “satisfazer as necessidades normais dos trabalhadores”, assim sendo o salário mínimo deveria corresponder ao mínimo necessário para a sobrevivência do trabalhador e dos descendentes, não devendo ser consideradas exclusivamente as necessidades individuais. Acima, destas, estariam as do núcleo familiar, pagas pelo abono das caixas de previdência. “O rendimento do trabalho teria de levar a uma remuneração privilegiada dos mais hábeis e diligentes”. No entanto, o valor do salário era limitado pelas possibilidades da empresa, de maneira a não provocar o aumento do preço dos produtos ou que não pusesse em causa a estabilidade da empresa. Estas “necessidades normais a empresa” e da “produção” eram controladas pelos órgãos governamentais. Dotando-se de vários instrumentos como: “o contrato coletivo de trabalho; os regimes corporativos; os despachos de ordenados e salários; o sistema jurídico do trabalho que considerava a pressão e a greve como formas de violência sistemática”¹⁵.

Mesmo que de forma lenta, as convenções de trabalho foram acontecendo a partir da década de 40 e de forma mais acentuada depois da grande guerra. Em 1951 já atingiam um total de 380 mil trabalhadores. O despacho do salário mínimo só foi aplicado com algum sucesso depois

¹³ H.A., Oliveira Marques. *História Portugal Contemporâneo: Economia e sociedade*. Lisboa: Universidade Aberta, 1993.p.327.

¹⁴ *Idem*. p.327.

¹⁵ *Idem*. p.331.

do conflito mundial. Pré-conflito, este não abrangia sequer os 50 mil trabalhadores, após este conflito já eram mais de 350 mil.

A família e a habitação

A constituição de 1933 exaltava “o valor do núcleo familiar, fonte de conservação e desenvolvimento da raça, base primária da educação, da disciplina e harmonia social, fundamento de toda a ordem política”, no entanto este esquema não passou de uma mera política paliativa.

O abono de família, mesmo representando 50% das despesas das caixas sindicais, não passava de um complemento salarial com montantes reduzidos e não abrangendo metade dos dependentes. Por isso mesmo, não podia ser considerado um estímulo à natalidade.

A habitação estava entre os objetivos fundamentais da política social do Estado Novo, designadamente o princípio da “habitação própria”. Objetivo concretizado, pelo menos, segundo a propaganda do regime que afirma que os “novos lares edificados seriam um sólido exemplo da capacidade fabricadora do regime é uma expressão substantiva da viabilidade da sua matriz de valores”. Estas casas económicas, construídas com dinheiros das caixas, apesar de se concentrarem nas grandes cidades do país, eram afinal depositárias de uma conceção pré-industrial, de um ruralismo.

Defendia-se nas palavras do presidente do Conselho a “moradia de família com quintal” em prol das grandes construções de habitação para operários. “...casa pequena, independente, habitada em plena propriedade pela família”¹⁶.

Como era paga em prestações tornou-se uma forma de capitalização dos reduzidos rendimentos familiares.

1.2.3. O período de 1960-1995

Como outros países, existiu em Portugal um período onde o crescimento foi consideravelmente notório. Para Portugal esse período foi a década de 60. Foi a partir deste momento que o país sofreu as mais notórias transformações sociais que outros países europeus já tinha sofrido no pós-guerra ou mesmo antes.

¹⁶ H.A., Oliveira Marques. *História Portugal Contemporâneo: Economia e sociedade*. Lisboa: Universidade Aberta, 1993.p.334.

A industrialização e a terciarização conheceram um forte impulso, conseqüentemente a população rural e agrícola diminuiu significativamente, sobretudo pela intensificação da emigração para as cidades.

Há fatores específicos na evolução social, económica e política portuguesa para sustentar este desenvolvimento. A emigração, sendo uma constante na sociedade portuguesa desde o século XIX, sofreu alterações durante este período.

A emigração tradicional para as Américas, essencialmente Brasil, transformou-se numa emigração preferencialmente para a Europa, nomeadamente França. Trazendo diferentes conseqüências: número de partidas, que constituiu o “princípio da desertificação demográfica de vastas áreas do país” trazendo com isto o “envelhecimento das populações rurais, esvaziamento de aldeias, abandono das terras, aumento salariais, falta de mão-de-obra nos campos, etc.”¹⁷; mudança da relação entre os emigrantes e os residentes, devido a maior proximidade dos locais de emigração a perspectiva de regresso era mais real, trazendo com isto maiores e permanentes remessas de dinheiro para ajudar os familiares que ficaram ou para a compra de casas e terrenos. Com a maior facilidade de locomoção e a proximidade, as visitas tanto dos emigrantes como dos familiares eram mais regulares, trazendo inúmeras conseqüências na vida social e cultural da população rural, “muita gente conheceu Paris antes de ir a Lisboa ou de ver o mar”¹⁸.

A indústria depois de décadas de crescimento, no entanto, um crescimento muito lento, atinge na década de 60 uma evolução marcante. A procura externa no pós-guerra, para a reconstrução da Europa, aumenta. A adesão de Portugal à Associação de Comércio Livre traz rápidas conseqüências em diversos sectores. A guerra em África veio aumentar a procura de produtos, produzindo mais e criando empresas em África para produzir.

Com a adesão a EFTA Portugal assume-se como um importante parceiro comercial com os países mais desenvolvidos da Europa e com os EUA. “Os países que formavam ou viriam a integrar a Comunidade Europeia e a EFTA representavam 50% do comércio no princípio dos anos 60, mas já mais de 60% nos anos 70, antes da descolonização”¹⁹.

Assim, Portugal torna-se um país com forte investimento externo. Multinacionais e empreendimentos estrangeiros investem em diferentes mercados no país, como na têxtil, na metalomecânica, na montagem de veículos, etc.

¹⁷ BARRETO, António. *A Situação Social em Portugal 1960-1999*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 1996. p.35

¹⁸ *Idem*. p.35.

¹⁹ *Idem*. p.36.

“Paralelamente, é a década do turismo. Portugal descobre a sua vocação neste sector em plena expansão”²⁰. Portugal é descoberto pelas operadoras estrangeiras que descobrem a potencialidade do país, principalmente nas atividades relacionadas com o clima e a praia. Em poucos anos, o turismo torna-se um dos mais lucrativos sectores de atividade do país, arrastando a construção civil. Um país quase desconhecido passa a receber milhares de visitantes por ano, provocando alterações sociais e culturais.



Figura 7 - Praia do Tamariz, Estoril
<http://espacoememoria.blogspot.pt/2011/09/o-estoril-e-as-origens-do-turismo-em.html>

Em poucos anos, o sector terciário ultrapassa a tradicional agricultura e indústria.

Portugal inicia a década de 70 numa situação económica boa, com quase toda a população empregada, sendo mesmo generalizada a falta de mão-de-obra tanto na indústria como na agricultura. Nem a forte entrada da população feminina ajuda a colmatar a falta de trabalhadores. Por outro lado, a falta de instrução da população vem dar carência de uma mão-de-obra especializada.

O período que vai de 1976 a 1985 é de transição. O país atravessa uma crise política, quer pela instabilidade, pelos conflitos, pela “normalização” da democracia e do mercado e pelas consequências de recessões e crises económicas externas.

Devido a uma Europa em dificuldades económicas e sociais que barra a entrada a imigrantes, a população portuguesa deixa de emigrar, apresentando valores de emigração que não se verificavam há décadas.

Com o finalizar das colónias portuguesas, Portugal vê regressar centenas de milhares de ex-residentes do ultramar. Instalaram-se nas maiores dificuldades e, em poucos meses, a população portuguesa aumentou em 7%. Com este aumento de população, vieram problemas

²⁰ *Idem.* p.36.

sociais e económicos de grande dimensão, que surpreendentemente foram resolvidos em poucos anos.

Durante a década de 80, Portugal passa a ser um país de imigrantes, com o número de imigrantes a ultrapassar o de emigrantes pela primeira vez na história. Vieram para Portugal essencialmente africanos numa primeira fase e depois brasileiros.

Com o chegar do ano 1925 o país recupera a estabilidade política, esta, associada a uma nova confiança económica e integração europeia, vai permitir uma razoável recuperação económica.



Figura 8 - Embarque tropas portuguesa
http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Colonial_Portuguesa

Cultura

No final do século XX nota-se já uma generalização no acesso à cultura em Portugal. Espetáculos, imprensa, museus, jornais, televisão, estão ao alcance da generalidade da população. “Há, todavia, múltiplos sinais contraditórios, fruto não só da evolução social, como também das alterações nas tecnologias de comunicação e nos meios de expressão”²¹.

Nos anos 60, e no caso do cinema, cada pessoa frequentava o cinema, em média, duas a três vezes por ano. Na década de 90 frequenta menos de uma vez por ano. Assistiu-se, então, a uma redução significativa de espectadores, mas também de salas e ecrãs.

Contudo, esta diminuição de espectadores tem uma exceção. Após a revolução de 1974 houve um notável aumento de espectadores. Talvez devido “ao novo ambiente político e social gerado pela revolução: fim da censura, mais poder de compra e, eventualmente, excesso de política na televisão”²².

No teatro repete-se um pouco a história, durante a década de 60 houve um ligeiro aumento da produção e frequência, com o chegar dos anos 70 houve uma redução do número de salas, de

²¹ BARRETO, António. *A Situação Social em Portugal 1960-1999*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 1996.p.51.

²² *Idem.* p.51.

sessões, de espectadores e de receitas. Sendo o sector cultural mais afetado, no início dos anos 90 por cada 1000 habitantes, apenas 20 vão uma vez por ano ao teatro.

A quantidade e frequência de museus tem um elevado aumento. De uma centena de museus nos anos 60 passa-se para mais de 300 nos anos 90. Assim sendo, do pouco mais de 1 milhão de visitantes por ano nos 60's chega a mais de 7 milhões nos 90's.

Em relação à rádio e televisão, não existem dados fidedignos. Nota-se um claro aumento do número de aparelhos de televisão e horas de emissão. No entanto, grande parte dos consumidores não registavam os aparelhos nem pagavam as respetivas licenças, o que invalida o rigor das fontes de informação. Com a abolição destas taxas em 1990 deixou de haver qualquer informação. Contudo, um inquérito às condições de conforto, em 1994, mostra que cerca de 96% das habitações possuem pelo menos um aparelho de televisão.



Figura 9 - Família assistir televisão
<http://historiacom.wordpress.com/2012/05/16/a-invencao-da-televisao/>

1.3. Os tempos livres da população portuguesa

O tempo livre, até ao século XX, era exclusivo das classes altas.

A classe trabalhadora não dispunha de tempo para atividades de lazer. O lazer surge como uma atividade de contraponto com o trabalho. Com a conquista de horários de trabalho mais razoáveis, esta classe, passa agora a dispor de tempo livre.

A alta burguesia e aristocracia continuam a manter os seus costumes do século XIX, passam os seus tempos livres em viagens, em bailes e *soirées* privados. As restantes classes sociais, não dispendo de meios para tal, utilizam este tempo a se divertirem.



Figura 10 - Baile privado
<http://milafzmakeup.wordpress.com/category/dicas-e-curiosidades/page/2/>

“O aproveitamento de um tempo de lazer após um dia de trabalho, a conquista da folga semanal ao domingo e, anos depois, das férias pagas, introduzem novos costumes de aproveitamento de tempo”²³. Além das distrações caseiras, como a leitura, os jogos, a rádio, as atividades de lazer passam a ter uma componente social. A ida a espetáculos, a festas, ou apenas dar um passeio, torna-se um ritual social de ocupação dos tempos livres.

O lazer e divertimento passam a ser considerados atividades comerciais, e surgem, na cidade, uma grande diversidade de práticas de lazer popular de acesso geral.

Os grandes equipamentos urbanos de lazer são os teatros. Oferecem uma grande variedade de espetáculos, como ópera, drama, comédia, entre outros. Enquanto as grandes companhias teatrais atuavam em Lisboa, o resto do país organizava espetáculos amadores e aguardavam as *tournées* das principais companhias.

Os espetáculos teatrais eram de acesso público, tornando-se um encontro de diversas classes sociais. Os preços dos bilhetes e o local dos lugares é que diferenciavam as classes, com a burguesia a ocupar os camarotes de segunda e terceira e a aristocracia os de primeira. As classes sociais ocupavam os lugares mais baratos na plateia.

A ida ao teatro acaba por ser mais uma desculpa para as pessoas se mostrem socialmente. Assim, os passeios públicos, jardins e parques, tornaram-se espaços urbanos de lazer, onde a população de todas as classes se exibia nos desfiles de domingo.

²³ SILVA, Susana Constatino Peixoto da. *Arquitectura de Cine-teatros: Evolução e Registo (1927-1959)*. Coimbra: Edições Almenida, 2010.p17.



Figura 11 - Entrada antigo teatro Éden,
Lisboa

<http://citizengrave.blogspot.pt/2012/11/joshua-benoliel-teatros-e-cinemas.html>

Importantes para a vida social eram, também, os pequenos equipamentos de ócio, como os cafés, tabacarias, salões de jogos, associações recreativas ou clubes. Estavam, muitas vezes, localizados no centro da cidade e eram importantes locais de referência social das comunidades desde o século XVIII.

Os clubes e sociedades recreativas eram locais onde se reuniam pessoas que partilhavam profissões ou qualquer outra condição comum. Aqui organizavam festas, reuniões, eventos musicais. Reproduziam os bailes e saraus que de outra forma não poderiam experimentar.

O desporto, principalmente o futebol, vem afirmar-se como uma ocupação de tempos livres de massas. Assistir a jogos de futebol, mais que a prática de desporto, torna-se uma ocupação para todas as classes sociais.



Figura 12 - Assistencia jogo Académica vs
Benfica

<http://chamagloriosa.blogspot.pt/2012/09/academica-vs-benfica-o-futebol-como.html>

A conquista das férias vem trazer um novo momento de lazer para as famílias da classe trabalhadora. Assim, essencialmente no verão, as pessoas deslocam-se para locais como a praia ou termas, deslocando assim, também, os centros de lazer e sociabilidade urbana.

O cinema aparece entre os equipamentos e as atividades de lazer da sociedade do final do século XIX. Surge como uma novidade, “e pouco a pouco, conquista o seu papel de divertimento e, pelo menos até aos anos 70 com a generalização da televisão, de grande espetáculo de massas do século XX”²⁴.

Cada vez mais presente na sociedade, a ida ao cinema tornava-se num “ato social e de convívio, que implicava rituais de trajar”²⁵. A entrada e saída faziam parte do espetáculo, onde as pessoas se viam e se mostravam.

²⁴ SILVA, Susana Constatino Peixoto da. *Arquitectura de Cine-teatros: Evolução e Registo (1927-1959)*. Coimbra: Edições Almenida, 2010.p22.

²⁵ FRANÇA, José-Augusto. *Os anos vinte em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1992.p.404.

CAPÍTULO II

2. O cinema em Portugal

2.1. Do animatógrafo aos cineteatros

O cinema, apresentado em primeira estância como animatógrafo, no final do século XIX, tem grande aceitação pelo público e adapta-se aos locais com grande concentração de pessoas. Designa-se animatógrafo às máquinas de projeção e às salas de espetáculo.

É apresentado pela primeira vez no Real Coliseu, em Lisboa, por *Rousby*, um “eletricista húngaro”. Uma novidade que havia sido um assombro em Londres, Paris, Madrid. “Nesta máquina apresenta-se a fotografia viva...”²⁶.

Rousby apresenta espetáculos sem grande assombro, simplesmente reconstituições da vida como “O comboio” ou “Bailes parisienses”. Não era o tema o importante, mas sim a fotografia animada.

Aurélio da Paz dos Reis é o primeiro português a captar e reproduzir imagens. Um simples comerciante de flores e fotógrafo amador, que curioso pelo invento do electricista de Budapeste, viaja a Paris onde adquire o equipamento.

Juntamente com os seus amigos António da Silva Cunha, proprietário da “Camisaria Confiança”, e o fotógrafo profissional Francisco Magalhães Júnior organizam um espetáculo português chamado “Kinetographo português”. O primeiro filme a ser rodado foi “Saída do pessoal operário da Fábrica Confiança”. Os restantes filmes captavam também a realidade e o quotidiano urbano, como por exemplo; “Chegada de um comboio americano a Cadouços” ou “Mercado do Porto”.²⁷



Figura 13 - Cena de “Saída do pessoal operário da Fábrica confiança” <https://www.youtube.com/watch?v=NwRAUniWJPY>

²⁶ PINA, Luís de. *A aventura do cinema português*. Lisboa: Vega, 1977.p.7.

²⁷ *Idem*. p.10.

Tratava-se dum espetáculo complementar de outros, sem autonomia, fazia parte de um número de circo, de um musical, teatro, etc.

Assim, durante os seus primeiros anos de vida em Portugal, o animatógrafo é apenas um pequeno espetáculo de feira com preços acessíveis a toda a população. Funcionando em qualquer espaço, como armazéns, circos, ou espaços improvisados.

Nas pequenas e médias cidades do país, o animatógrafo aparece como um espetáculo itinerante. Chega à cidade e instala-se por um determinado tempo, mudando-se de seguida. Instala-se nos teatros, nas cidades que o possuem, ou em barracões e edifícios improvisados, muitas vezes sem as mínimas condições.

As sessões de animatógrafo eram caracterizadas por serem curtas-metragens temáticas. No entanto com o aparecimento de filmes mais longos, com enredo e principalmente com a chegada do cinema sonoro, “vão dinamizar a indústria do cinema e atrair casa vez mais audiências, ao mesmo tempo que chegam a Portugal as grandes produções americanas e europeias”²⁸.

O aparecimento de salas específicas para o cinema ou animatógrafo dá-se logo na primeira década do século XX. O Salão Ideal, em Lisboa, é a primeira sala a abrir no país, logo em 1904. Eram simples salas retangulares com cadeiras dispostas para a tela branca.



Figura 15 - Salão Ideal, Lisboa
<http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2012/11/cinematografos-e-animatografos.html>

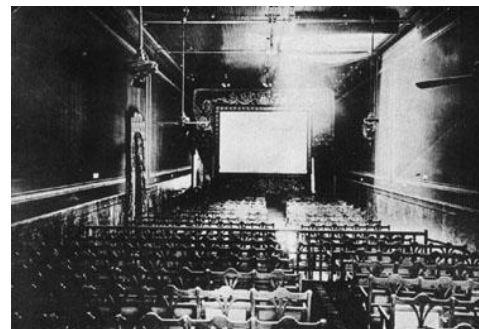


Figura 14 - Interior sala espetáculos
<http://www.luizberto.com/esquina-leonardo-dantas-silva/no-tempo-do->

²⁸ SILVA, Susana Constatino Peixoto da. *Arquitectura de Cine-teatros: Evolução e Registo (1927-1959)*. Coimbra: Edições Almenida, 2010.p24.

Em 1930 estreia-se o primeiro filme sonoro no Royal Cine, em Lisboa, e no ano seguinte estreias o primeiro filme português com som. Tratava-se de “A Severa” de Leitão de Barros, que se estreia no S. Luís, também em Lisboa. Aclamado pela crítica e pelo público esteve em exibição durante 6 meses²⁹.



Figura 16 - Cena de “A Severa”
<https://www.youtube.com/watch?v=xHU2bLZmNMw>

Com o crescente sucesso do cinema como atividade de lazer e com a falta de espaços adaptados e de acordo com as novas especificações da legislação, praticamente todas as salas de teatro são adaptadas para receber o sistema de projeção³⁰. Em muitos casos foi necessário a modificação da sala para implementar a cabine de projeção.

Em casos, como o do teatro S. João no Porto, acabam por se converter exclusivamente ao cinema. Alterando, também, o seu nome para S. João Cine.



Figura 17 - Interior do S. João
http://www.cinemasdoporto.com/cinemas_SJo%E3o.htm

²⁹ PINA, Luís de. *A aventura do cinema português*. Lisboa: Vega, 1977.p.36.

³⁰ FERNANDES, José Manuel. *Cinemas de Portugal*. Lisboa: Inapa, 1995.p.8.

Várias capitais de distrito vêm as suas salas de teatro serem adaptadas ao cinema. Assim, num país de raízes rurais profundas e limitados meios de comunicação, “o cinema era, assim, um meio de comunicar...”³¹.

Em 1929, a Inspeção Geral dos Teatros é substituída pela Inspeção Geral dos Espetáculos, (IGE). Este novo órgão vem fiscalizar e regulamentar todos os serviços da indústria do espetáculo. Tem como tarefas de fiscalização, a censura e registo, no entanto, destaca-se pelo papel do Conselho Técnico. A este cabe fiscalizar todos os “projetos e memórias descritivas da construção, reconstrução ou alteração das casas e recintos destinados a espetáculos, de acordo com as normas regulamentares”³².

O controlo exercido pela Inspeção de Espetáculos (IE), antiga IGE, nos processos de licenciamento e construção deste tipo de edifícios não passa apenas pelo cumprimento das regras de segurança, mas também passa pela própria conceção espacial e formal das salas de espetáculos. Muitos dos processos entregues nos serviços da IE aparecem corrigidos e rasurados, não apenas relacionados com a segurança do edifício, mas sim com correções estéticas que revelam a representação do Estado na imagem dos edifícios. Por exemplo, o processo do Cineteatro de São Brás de Alportel (fig. 18), os desenhos dos alçado aparecem alterado de modo a criar uma simetria em relação à entrada na fachada principal. Procurando assim, uma clara imagem de monumentalidade³³.



Figura 18 - Cineteatro de São Brás
<http://www.algarvefilm.com/site/index.php?module=FMS&func=view&ot=location&id=269&oldfunc=&search=>

O decreto-lei nº13.564, de 1927, veio regulamentar a segurança contra incêndios nos edifícios de cinema, o que veio implicar alterações estruturais nos edifícios. Obrigava a isolar a cabine

³¹ FRANÇA, José-Augusto. *Os anos vinte em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1992.p.267.

³² SILVA, Susana Constatino Peixoto da. *Arquitectura de Cine-teatros: Evolução e Registo (1927-1959)*. Coimbra: Edições Almenida, 2010.p65.

³³ *Idem*. p67.

de projeção com materiais incombustíveis, selada com portas de ferro e com ventilação diretamente para o exterior.

A licença de exploração de filmes sonoros só é entregue quando estas alterações de verificam. Com o aumento do número de espetadores e com o verificar desta legislação cada vez mais difícil vem a necessidade da construção de novos espaços apropriados para o cinema.

Esta legislação vai “modelar e instituir os Cineteatros”³⁴ alterando o tipo de construção e usando materiais incombustíveis, nomeadamente o betão armado. Refere a localização e a dimensão das saídas em função da lotação. De forma mais geral, esta legislação, obriga a que estes edifícios tenham como única funcionalidade sala de espetáculo. Não podendo, estas, estar em edifícios mistos como acontece no resto da Europa, onde existem, por exemplo, salas de espetáculos em caves de edifícios comerciais ou de escritórios (fig. 19). Era possível construir uma sala de espetáculos que servisse unicamente o cinema, apenas quando a localidade onde esta se iria inserir já estivesse dotada de um teatro ou cineteatro.



Figura 19 - Cinema Paris-Soir
<http://www.parisenimages.fr/fr/galerie-collections/theme/CINEMA?recherche=&debut=&fin=&page=4>

O artigo que refere o “número de fachadas de saída” vem condicionar o enquadramento urbano do edifício. Para uma lotação inferior a 500 pessoas a sala de espetáculos pode ter apenas uma fachada, desde que possua mais de 8 metros. Com uma lotação superior a esta já é obrigatório que possua duas fachadas orientadas para ruas diferentes. Obrigando na maior parte dos casos a uma localização em gavetos (fig. 20), em frente de praças ou em lotes isolados, ocupando um

³⁴ CARNEIRO, Luís Soares. *Teatros de Raiz Italiana*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto, 2002.p.1222.

lugar de destaque na malha urbana. Para possibilitar a construção de sala de espetáculos em frentes urbanas, tornava-se necessário a abertura de acessos laterais com características de rua, até porque era obrigatório o acesso direto e independente à zona de palco e camarins (fig. 21).



Figura 21 - Cineteatro de Mangualde
<http://www.metronews.com.pt/2013/01/02/mangualde-o-nosso-patrimonio-cineteatro-de-mangualde/>



Figura 20 - Cineteatro Avenida, Castelo Branco
<http://www.albigec.pt/pt/equipamentos/cine-teatro-avenida.aspx>

A organização interna destes edifícios também é mencionada no decreto-lei. Determina que estes edifícios são compostos por 3 partes distintas: duas delas referentes ao público, sala e vestíbulos; a outra referente aos trabalhadores, palco e camarins. As partes referentes ao público deviam estar isoladas da restante por “uma parede isoladora em ferro”³⁵. Esta relação entre o palco e a sala determina a volumetria e esquema estrutural dos cineteatros, dois corpos completamente distintos.

A obrigatoriedade do programa cinema responder, também, ao programa teatro vem dificultar em grande a organização dos lugares, porque os melhores lugares para assistir a um filme eram os da última fila, pois a visibilidade para o ecrã não sofria deformidades. Já os lugares mais próximos tinham visibilidade condicionada e eram reservados as classes sociais mais baixas com preços mais acessíveis. No caso do teatro, os lugares mais apetecíveis eram os da frente, pois via-se e ouvia-se melhor. Sendo as últimas filas os lugares mais acessíveis.

³⁵ SILVA, Susana Constatino Peixoto da. *Arquitectura de Cine-teatros: Evolução e Registo (1927-1959)*. Coimbra: Edições Almenida, 2010.p79.

Com esta distinção de classes tornava-se necessário que a separação dos grupos de espetadores. Era frequente o edifício possuir uma entrada secundária de acesso ao balcão (fig. 22). Este possuía a pior visibilidade para a sala de espetáculo e assim, os preços mais baixos. Com esta distinção de classes, existiam, dentro do mesmo edifício, diferentes espaços reservados para a mesma função. Para as diferentes zonas da sala de espetáculos, existiam diferentes *foyers*, bares e casas de banho para servirem diferentes classes sociais.



Figura 22 - Cineteatro da Guarda
<http://www.origens.pt/explorar/doc.php?id=2031>



Figura 2 - Cineteatro Joaquim D'Almeida,
Montijo
<http://cinemaaoscospos.blogspot.pt/2013/08/cine-teatro-joaquim-dalmeida-montijo.html>

O betão armado, inicialmente usado apenas pelas suas características incombustíveis passa a ser usado como “instrumento de conceção formal e espacial, relacionando a estrutura, o programa e uma nova imagem exterior, assumidamente depurada”³⁶.

A grande vantagem da utilização de betão armado era que permitia a construção dos balcões sem apoios intermédios, além de possibilitava vãos de maior dimensão (fig. 22). Os novos cineteatros assumiam formas direitas com grandes superfícies lisas. As fachadas passam a ter uma importante relação com a publicidade. Eram utilizadas como tela onde afixavam grandes painéis que anunciavam os filmes (fig. 25).

³⁶ SILVA, Susana Constatino Peixoto da. *Arquitectura de Cine-teatros: Evolução e Registo (1927-1959)*. Coimbra: Edições Almenida, 2010.p85.

A publicidade iria influenciar a arquitetura, com o conjuar da decoração e iluminação exterior para fosse visto tanto de dia como de noite (fig. 24).

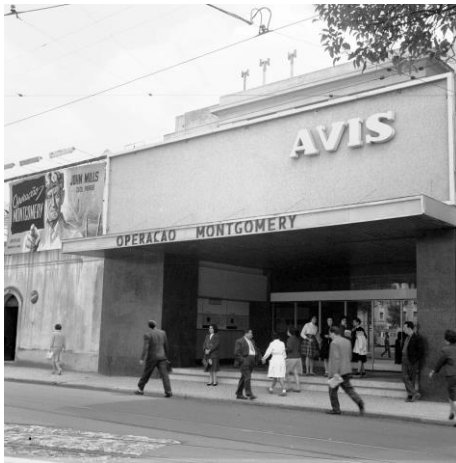


Figura 24 - Publicidade ao filme
"Montgomery", Cinema Avis
<http://restosdecoleccion.blogspot.pt/search/label/Cinemas%20de%20Lisboa>



Figura 23 - Edifício Avenida à noite, Aveiro
http://citizengrave.blogspot.pt/2012_06_11_archive.html

Em 1959, o decreto-lei nº13.564 foi revogado, dando lugar ao decreto-lei nº 42.660. Este autorizava as salas de espetáculos em edifícios mistos dando um impulso ao número de palcos pelo país fora. Possibilitava certas localidades, onde não era economicamente viável construir um cineteatro, possuírem uma sala de espetáculos.

Com o aparecimento da televisão, em 1957, os hábitos sociais dos portugueses vão-se alterar e com isso os cineteatros vão perder importância. Quem no passado se deslocava ao cinema para socializar passa agora a fazê-lo em locais públicos onde haja uma televisão. Os mais afortunados e com capacidade financeira para ter um aparelho permanecem em casa. Tratava-se de uma atividade de lazer mais cómoda e com o passar do tempo foi reduzir os adeptos e frequentadores do cinema.

Já durante a década de 70 com a difusão dos centros comerciais os cineteatros vão ficar ultrapassados. Os centros comerciais, uma novidade na altura, são locais onde uma multiplicidade de comércio se aglomera. Os restaurantes partilham o espaço com cafés, lojas de roupa e cinemas. Assim, o cinema passa a ser um complemento das compras ou refeições.

Estes novos cinemas, apesar de não terem a capacidade social dos de outrora com os seus foyers e galerias dedicadas ao convívio, possuem várias salas com projeções variadas. Salas com maior comodidade e de dimensões mais reduzidas.

Com isto, os cineteatros, de grandes dimensões, elevados custos de manutenção e grande concorrência dos centros comerciais, tornavam-se difíceis de rentabilizar acabando por fechar.



Figura 25 - Centro comercial Cruzeiro, Estoril
<http://guedelhudos.blogspot.pt/2012/01/centro-comercial-cruzeiro.html>

CAPÍTULO III

3. Casos de estudo

3.1. Fórum Luísa Todi, Setúbal

3.1.1. História

A história do teatro em Setúbal começa em 1897 com a inauguração do teatro Rainha D. Amélia. Localizado na Avenida Luísa Todi. Foi considerado uma referência na arquitetura de interiores e um marco na história teatral de Setúbal e do país. Considerado por Sousa Bastos no *Dicionário do Teatro Português* como sendo “talvez a mais bonita e elegante casa de espetáculos de Portugal”³⁷.

Mandado construir pela Empresa de Recreios Setubalense, o teatro era ainda iluminado a gás, tinha 222 lugares na plateia, 8 na frisa, 17 camarotes de primeira ordem e 10 na de segunda, dois balcões e galeria de fundo. Com a implantação da República, o teatro perdeu o nome e passou a denominar-se Teatro Avenida.



Figura 26 - Teatro rainha D. Amélia,
Setúbal
http://www.forumluisatodi.pt/?page_id=10

Com a perda de interesse pelo teatro, este acabou por atravessar um período de degradação das instalações, sendo rebatizado de Fórum Luísa Todi quando, em 1915, recebeu a Academia Sinfónica de Setúbal.

³⁷ BASTOS, Sousa. *Dicionário de Teatro Português*. Coimbra: Edições Minerva, 1994.

Em 1918 reabriu ao público modernizado e já no formato de cineteatro.

Continuando a passar por uma fase de decadência e abandono, foi reparado e entregue à Empresa Rosa Albino. Porém com a morte do empresário, o teatro deixou de receber peças artísticas. É então adquirido pela Companhia União Fabril. Apresentando já sinais de ruína, é demolido dando lugar ao edifício modernista atual, abrindo oficialmente ao público em 1960.



Figura 27 - Fórum Luísa Todi
http://www.forumluisatodi.pt/?page_id=104

3.1.2. Reconstrução

Já com gestão autárquica e renomeado Fórum Municipal Luísa Todi sofre profundas e complexas obras de remodelação iniciadas em 2009 e culminadas em 2012, reabrindo completamente renovado e modernizado, mantendo, contudo, as linhas arquitetónicas do passado. O projeto é da autoria do gabinete ETU e dos arquitetos Paulo Ramos e Cidália Worm.



Figura 28 - Fórum Luísa Todi
(reconstruído)
http://www.forumluisatodi.pt/?page_id=79

A entrada principal encontra-se no alçado poente com acesso direto à sala de espetáculos e às bilheteiras com acesso interior e exterior. Possui também um novo elevador com vista panorâmica para acesso ao balcão. No exterior possui um espelho de água decorativo e uma estátua em memória da cantora que dá nome ao fórum. O alçado nascente, na Rua Padre Joaquim Silvestre Serrão, terá uma porta de acesso direto ao palco para a instalação de

equipamento, permitindo, inclusivamente, manobras de veículos das dimensões de camiões TIR.

O projeto de remodelação conta com um *foyer* com espaços de exposição, área de venda de *merchandizing*, bengaleiro e bilheteira. Existe também um espaço para entretenimento para crianças e uma cafetaria. A sala principal de espetáculos (fig. 30), forrada a madeira com o fim de melhorar as condições acústicas, conta com uma lotação total de 634 pessoas divididas pela plateia, adaptada a pessoas com mobilidade reduzida, com 398 lugares e um balcão 236 lugares. Para um maior conforto dos espetadores as poltronas e alcatifas foram renovadas, assim como a aplicação sistemas de ar condicionado. O palco foi redimensionado para obter 16,8 metros de profundidade. Com a caixa de palco com 20,5 metros de largura, 12,5 de profundidade e 14 de altura até á teia. A boca de cena conta com 12,7 metros de largura e 7 de altura. É iluminado por 110 projetores e tem um sistema cénico de 14 varas contrapesadas e 15 varas mecanizadas. Com a criação de um fosso de orquestra é possível receber uma maior variedade de espetáculos. Este permite receber 55 músicos e com 4 cabines de tradução permite receber eventos de cariz internacional. A sala multiusos proporciona mais um espaço para espetáculos (fig. 31). Está localizada no topo do edifício com vista sobre a cidade e o rio. Funciona ainda como um café com lotação para 132 pessoas em formato plateia e para 74 como café-concerto. Dá, ainda, acesso a duas varandas com vista panorâmica.



Figura 30 - Sala de espetáculos
http://www.forumluisatodi.pt/?page_id=79



Figura 29 - Sala Multiusos
<http://www.municipal-luisa-todi/71>

3.2. Cineteatro Éden, Lisboa

3.2.1. História

O local onde se encontra o edifício do Éden foi originalmente ocupado por um *stand* de automóveis. O edifício, umas antigas cocheiras do Palácio Foz, na praça dos Restauradores, foi alugado por um comerciante de automóveis para ali instalar o primeiro representante da Peugeot em Portugal, em 1902.

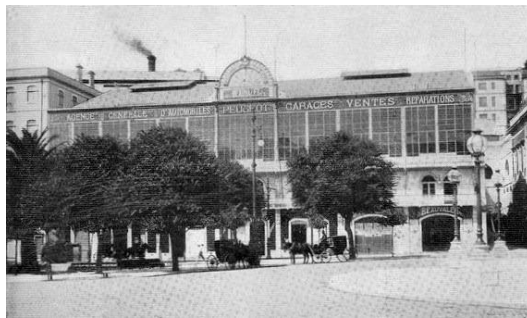


Figura 31 - - Garagem Beauvelet
<http://cinemasparaiso.blogspot.pt/2012/07/eden-o-gigante-dos-restauradores.html>

Em 1909, António Santos adquire o edifício e transforma-o temporariamente numa casa de espetáculos e divertimentos com o nome *Music Hall* (fig. 34). Era composta por três hangares, o principal, o segundo com palco e plateia e o do carrossel. Mais tarde e aproveitando o esqueleto da garagem, o empresário do teatro Luiz Gallardo encomendou, ao cenógrafo Augusto Pina, planos para a construção de um novo teatro. Foi inaugurado em 1914 já com o nome de Éden Teatro. Tinha lotação pra 2000 pessoas e tinha a característica principal de o palco ser móvel, permitindo a execução de uma vasta variedade de peças. Possuía, também, vários salões, café concerto, restaurante e um terraço.

É convertido em 1926 em animatógrafo (fig. 33). No final de 1928 a Inspeção Geral dos Espetáculos cria legislações mais apertadas para a segurança das casas de espetáculos o Éden teatro é encerrado em 1929 por ter sido considerado inadequado para a realização de espetáculos.



Figura 32 - Music Hall
<http://cinemasparaíso.blogspot.pt/2012/07/eden-o-gigante-dos-restauradores.html>

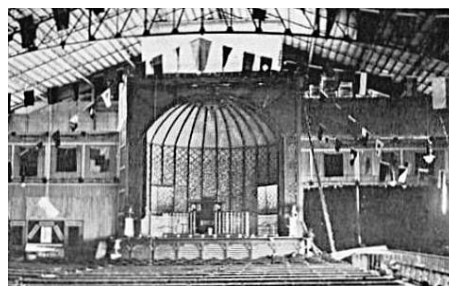


Figura 35 - Sala Animatógrafo, Music Hall
<http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2011/01/cinema-eden.html>

O proprietário do edifício, Conde Sucena, decide demoli-lo e reconstruir uma nova sala de espetáculos. Entrega o projeto ao arquiteto Cassiano Branco, que por desentendimentos com o proprietário, acaba por abandonar a obra entregando-a ao arquiteto Carlos Dias. Como Paulo Varela Gomes menciona no documentário “A vida e obra de Cassiano Branco”, o Éden “... é arquitetura em movimento, é cine arquitetura. O cinema começa cá fora, antes mesmo de entrar, com as palas e os vidros da fachada, entra por esta escadaria seguindo os corrimões. A multidão é motivo de cinema ela própria antes de chegar à sala, passa o labirinto dos corredores, entra na sala e é pregada nos bancos pela imagem que aparece nos ecrãs. Aquilo que no ecrã é apenas o final da arquitetura que começou na própria rua”³⁸.

A nova sala tinha uma lotação de 1622 espetadores distribuídos por plateia, camarotes, balcão de luxo e de 2ª ordem. O palco apresenta uma largura de 19 metros, profundidade de 15 e uma boca de cena de 12. A cabine de projeção possuía 7 metros de largura. O acesso a este era feito por amplas escadas e dois ascensores (fig. 39). Foi inaugurada em 1937, mas acabou por ser convertido definitivamente em sala de cinema.

Após mais de 50 anos de utilização, o Éden acabaria por decair, fechando portas em 1989.



Figura 37 - Éden Teatro
<http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2011/01/cinema-eden.htm>



Figura 36 - Éden Teatro
<http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2011/01/cinema-eden.htm>

³⁸ *A vida e obra de Cassiano Branco*. Direção: Edgar Pêra. Porto: RTP, 1991. 56 min. Disponível em: <http://www.rtp.pt/arquivo/?article=704&tm=22&visual=4>. Acesso em: Março. 2014.



Figura 39 - Escadaria, Éden Teatro
<http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2011/01/cinema-eden.html>



Figura 38 - Sala, Éden Teatro
<http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2011/01/cinema-eden.html>

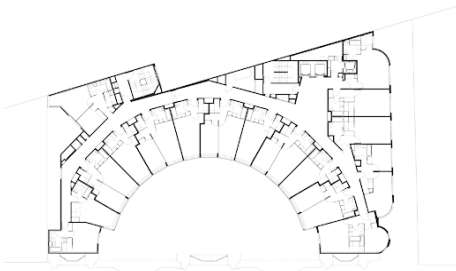


Figura 41 - Planta, Aparthotel Éden
<http://www.fvarq.com/>



Figura 40 - Fachada, Aparthotel Éden
http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6228



Figura 43 - Aparthotel Éden
<http://www.fvarq.com/>



Figura 42 - Piscina, Aparthotel Éden
<http://www.fvarq.com/>

3.2.2. Reconstrução

Depois de adquirido pelo Grupo Amorim, o Éden foi transformado e reconstruído no Aparthotel Éden (fig. 40), albergando também uma loja do cidadão. Está classificado como um hotel de 4 estrelas e contém 75 estúdios para uma ou duas pessoas e 59 apartamentos com um quarto para até 4 pessoas equipados com todas as infraestruturas modernas (fig. 39). Tem, também, á

disposição uma sala de conferencias com lotação para 50 pessoas. Possui ainda uma piscina, solário e bar no terraço com vista panorâmica sobre a cidade (fig. 41).

3.3. Cineteatro Alba, Albergaria-a-Velha

3.3.1. História

Os espetáculos cinematográficos em Albergaria começaram, em 1869, num edifício adaptado para tal. Só em 1924 o Grupo dos Modestos consegue erguer um edifício próprio para o efeito. Um edifício com uma imponente e bela fachada Arte Nova do arquiteto Silva Rocha. No entanto, não foi finalizado e acabou por servir como um polo de cultura e divertimento.

Com a 2ª Guerra Mundial, vem a morte do cineteatro, que acaba por ser vendido a uma empresa com o mesmo nome do antigo teatro da vila. Com isto, deu-se início à história do edifício existente, o cineteatro Alba, procedendo-se a demolição do antigo edifício.

O novo edifício foi projetado pelo arquiteto Júlio José Brito, autor de projetos similares como o Rivoli Teatro Municipal do Porto, e foi inaugurado em 1950. Já nos anos 80 e com o definhamento da indústria cinematográfica, o cineteatro acaba por cair no esquecimento e começa a deteriorar-se.



Figura 44 - Cineteatro de Alba
<http://fabrica-alba.blogspot.pt/2010/10/uma-das-empresas-precursoras-das.html>



Figura 45 - Sala, Cineteatro Alba
<http://blogdealbergaria.blogspot.pt/2008/09/cine-teatro-alba-dcada-de-50.html>

3.3.3. Reconstrução

A Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha decide comprar o edifício, prolongando o seu fim. Depois de um longo processo burocrático, a fim de conseguir fundos monetários, o projeto de requalificação é entregue ao arquiteto Rui Rosmaninho. Após 20 meses de trabalho, o cineteatro Alba reabre ao público em 2012 (fig. 45).

O renovado cineteatro Alba está adaptado para receber uma diversidade de espetáculos e projetos artísticos distribuídos pelos 4 pisos do edifício. O átrio da entrada, onde se encontra a bilheteira, serve de distribuidor para os diferentes espaços do edifício. A sala principal (fig. 46) tem lotação para 503 pessoas, 497 distribuídas por duas plateias e balcão e 6 lugares de mobilidade reduzida. Para apoio do espetáculo existem 9 camarins com diferentes características. Para exposições foi criada uma sala com 63 metros quadrados, que reúne todas as condições técnicas necessárias. A cafetaria partilha o espaço com uma sala de espetáculos projetadas para receber projetos artísticos e culturais amadores e de menores dimensões. Para preparação dos espetáculos existe um estúdio que possui as condições técnicas, como luz e som, para a realização de ensaios e mesmo pequenos espetáculos. Esta sala multiusos serve, também, para a realização de diversas atividades, como *workshops*.

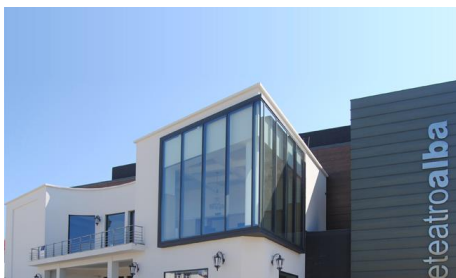


Figura 47 - Cineteatro Alba (reconstruído)
<http://www.cineteatroalba.com/visitas-guiadas/>



(reconstruído)
<http://www.cineteatroalba.com/cineteatro-alba/os-espacos/>

CAPÍTULO IV

4. Caso Prático - Cineteatro da Guarda

4.1. História

Anteriormente ao cineteatro da Guarda, existia na cidade o Coliseu das Beiras - cinema e teatro - estava localizado na Rua Vasco da Gama.

O projeto assinada por Luiz Ernesto Reynaud foi edificado em 1911. Construído em madeira e com fachada em alvenaria tinha capacidade para cerca de 900 pessoas. No entanto, devido à falta de condições, era considerado um barracão.

A precariedade do edifício dita o seu encerramento.

O novo cineteatro está implantado em gaveto, entre a Rua Vasco da Gama e Dr. Francisco dos Prazeres, com a fachada principal de frente para o Largo S. João. Tem projeto assinado pelo arquiteto Manuel Lima Magalhães.

Trata-se de um edifício de fachada curva, delimitada por marcações verticais em pedra, com um eixo de simetria bastante pronunciado que divide a fachada em dois.

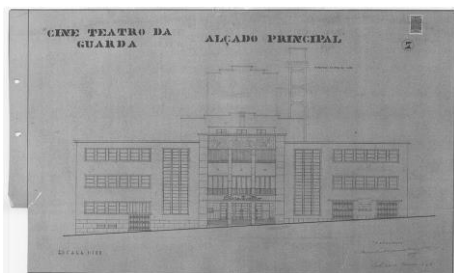


Figura 49 - Cineteatro da Guarda, Alçado
Dossier do processo de obra nº01-1948-
146



Figura 48 - Cineteatro Guarda,
Fachada Imagem do autor, Agosto
2014

Contava com uma lotação de cerca de 1000 pessoas, distribuídas pela plateia, 1º balcão, frisas e 2º balcão.

O acesso ao edifício fazia-se pelo gaveto para a plateia, 1º balcão e frisas. Pela rua Vasco da Gama tem-se acesso ao 2º balcão.

Em redor da sala de espetáculos, existia uma galeria que permitia o acesso à mesma e que comunicava com o exterior, diretamente, ou através do átrio principal. Do átrio principal

partiam duas escadas de acesso ao balcão e frisas. Neste piso existia também um gabinete, um salão e um vestiário.

O acesso ao 2º balcão era feito por uma escada, a partir de um vestíbulo situado na Rua Vasco da Gama, onde se encontravam, também, bilheteiras privadas.

A forma da sala de espetáculos está adaptada ao lote, aproximando-se de um retângulo.

Existiam bares e instalações sanitárias em todos os pisos.

Os artistas e pessoal do palco entravam pelo corredor a descoberto com acesso pela Rua Vasco da Gama onde existiam umas escadas de acesso ao nível do palco, onde também encontravam os camarins³⁹. O palco media aproximadamente 10x10m.

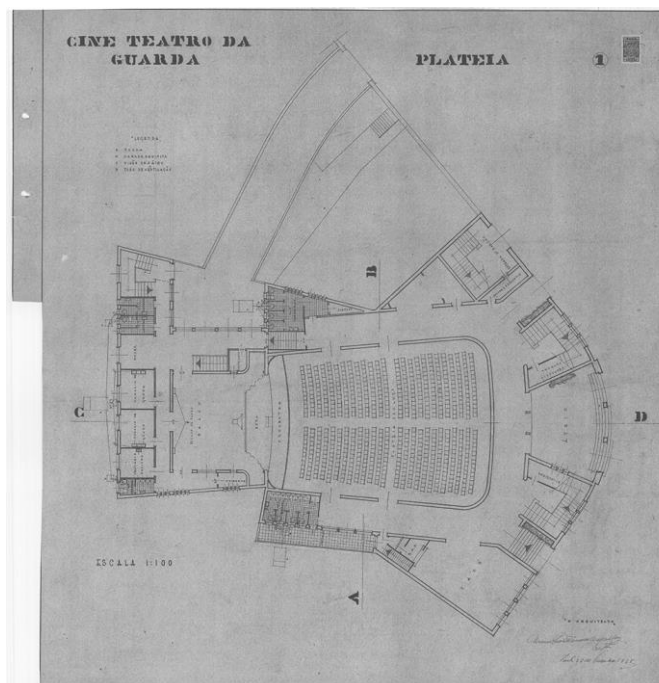


Figura 50 - Cineteatro da Guarda, Planta nível da Plateia
Dossier do processo de obra nº01-1948-146

Duas escadarias davam acesso ao primeiro balcão (fig. 50) que circundavam o salão no centro do edifício. Na mesma disposição encontrávamos de novo um café e um vestiário. No lado oposto tínhamos um gabinete. O balcão disponha de 230 lugares com acesso a partir das galerias laterais à sala.

³⁹ *Memória descritiva do projeto para o Cineteatro da Guarda*. 1948. Dossier do processo de obra nº01-1948-146

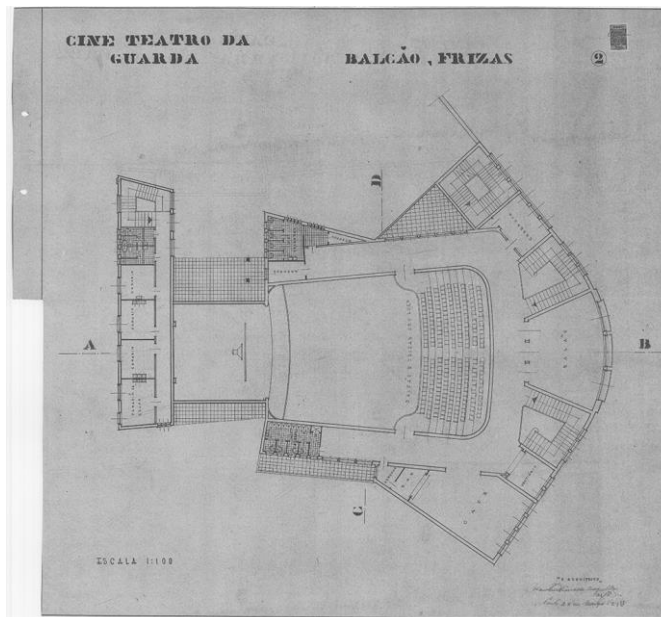


Figura 51 - Cineteatro da Guarda, Planta nível do 1º Balcão
Dossier do processo de obra nº01-1948-146

O segundo balcão (fig. 51), destinado às classes desfavorecidas, tem entrada distinta. Tinha acesso por uma escadaria na Rua Vasco da Gama, esta, dava apenas acesso a este piso do edifício. Aqui, encontrávamos na mesma disposição um café e salão. O balcão tinha acesso também lateralmente e disponha de 90 lugares. A partir deste piso, tinham acesso à cabine de projeção. Esta encontrava-se no piso superior, sendo necessário a saída do edifício para a cobertura.

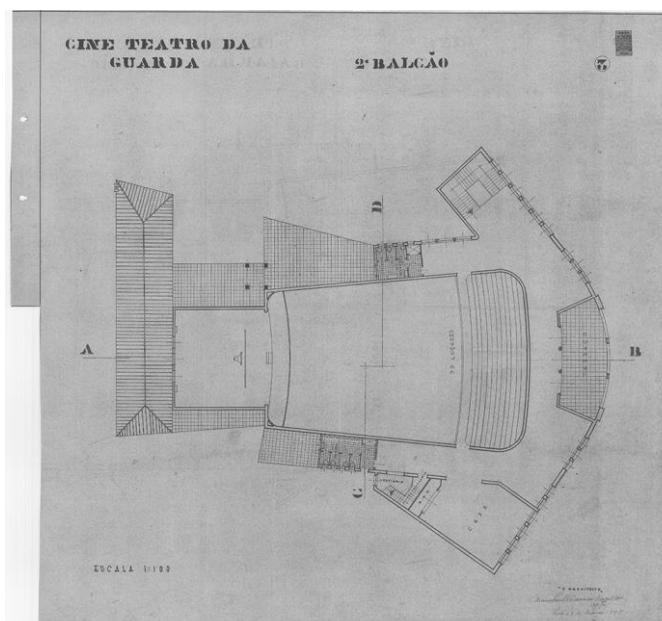


Figura 52 - Cineteatro da Guarda, Planta nível do 2º Balcão
Dossier do processo de obra nº01-1948-146

Foi inaugurado a 4 de Julho de 1953, pela “Companhia de Teatro Amélia rey Colaço - Robles Monteiro”.

“Contudo, o desinteresse do público e a desmotivação dos investigadores ditaram o seu encerramento passadas mais de três décadas”⁴⁰.

Em 1987, a cidade assistiu à última exibição. Foi comprado por um particular, com intenções de o adaptar a uma nova finalidade.

No entanto, o projeto que pretendia aumentar o edifício em dois pisos e instalar vários estabelecimentos comerciais do arquiteto Armando Cardoso acabou por não ser aceite, devido às alterações excessivas ao traçado do edifício.

Em 1997, a Câmara Municipal da Guarda tenta comprar o edifício para o integrar no património municipal, mas acaba por não haver acordo. Encontra-se, até agora, à venda sem que haja qualquer interessado.

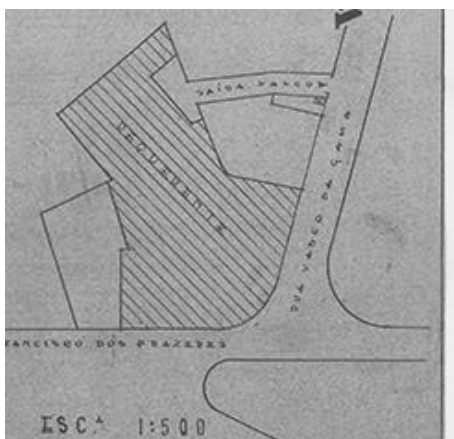


Figura 54 - Cineteatro da Guarda, Planta implantação
Dossier do processo de obra nº01-1948-146

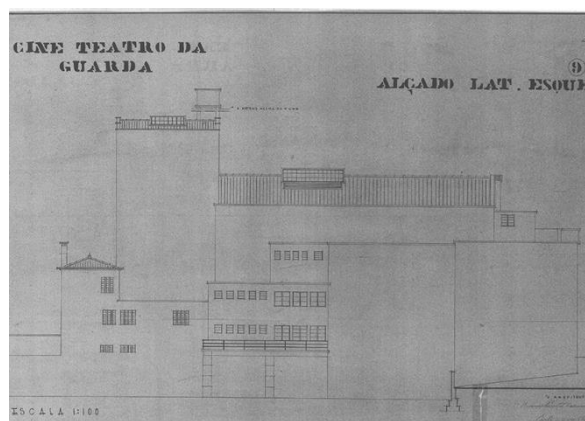


Figura 53 - Cineteatro da Guarda, Alçado lateral esquerdo
Dossier do processo de obra nº01-1948-146

⁴⁰ GOMES, Fábio. “Antigo Cine-teatro da Guarda motiva queixas de insalubridade” O Interior, Outubro, 2012: Edição Online.

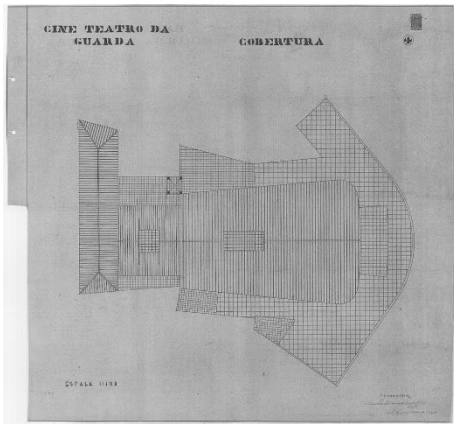


Figura 58 - Cineteatro da Guarda, Planta cobertura
Dossier do processo de obra nº01-1948-146

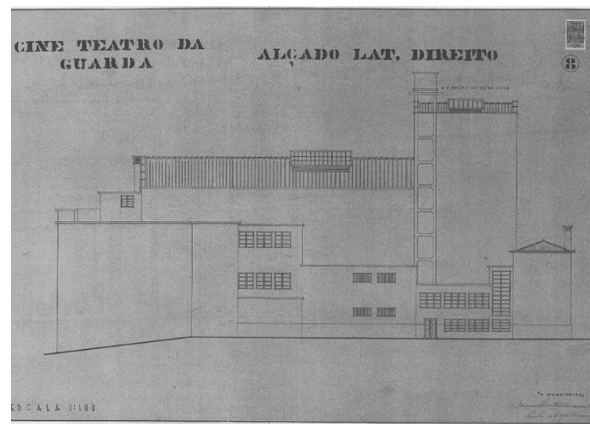


Figura 55 - Cineteatro da Guarda, Alçado lateral direito
Dossier do processo de obra nº01-1948-146

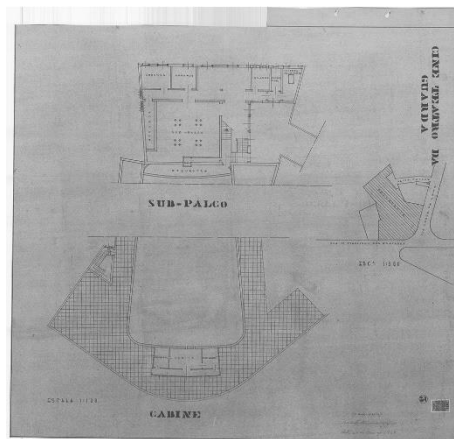


Figura 60 - Cineteatro da Guarda, Planta subpalco e cabine
Dossier do processo de obra nº01-1948-146

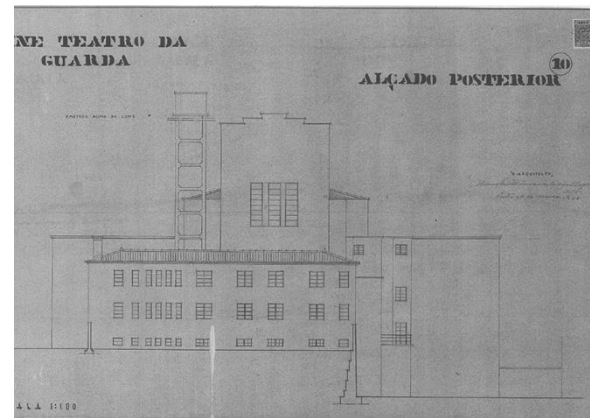


Figura 59 - Cineteatro da Guarda, Alçado posterior
Dossier do processo de obra nº01-1948-146

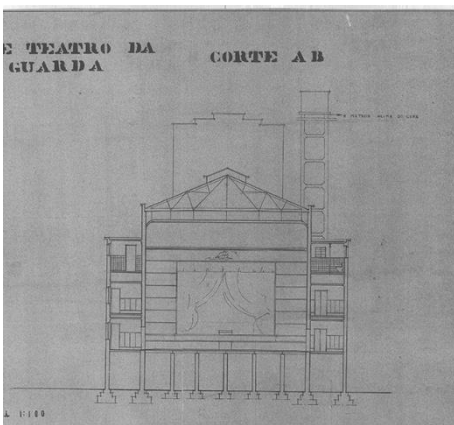


Figura 62 - Cineteatro da Guarda, Corte transversal
Dossier do processo de obra nº01-1948-146

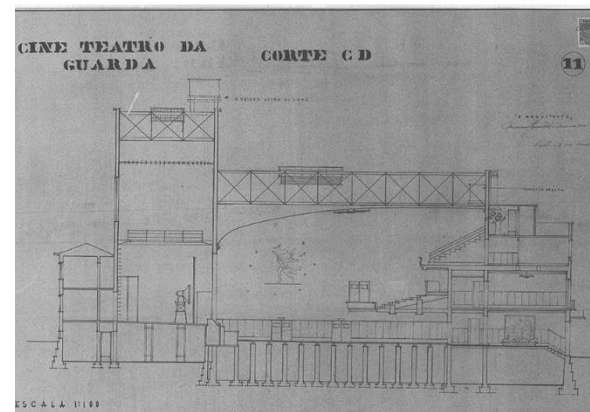


Figura 61 - Cineteatro da Guarda Planta, Corte longitudinal
Dossier do processo de obra nº01-1948-146



Figura 64 - Fachada lateral esquerda
Imagem do autor, Agosto 2014



Figura 63 - Fachada lateral direita
Imagem do autor, Agosto 2014



Figura 66 - Pormenor caixa de palco
Imagem do autor, Agosto 2014



Figura 65 - Fachada Principal, acesso
rua Dr. Francisco dos Prazeres
Imagem do autor, Agosto 2014



Figura 68 - Acesso lateral piso -1
Imagem do autor, Agosto 2014



Figura 67 - Acesso lateral ao palco
Imagem do autor, Agosto 2014

4.2. Projeto - Memória descritiva e justificativa

4.2.1. Introdução

A presente memória descritiva e justificativa é referente ao projeto de reconstrução do Cineteatro da Guarda. Propõe-se uma serie de alterações ao edifício, nomeadamente a reconstrução e recuperação de alguns elementos arquitetónicos e a demolição de outros.



*Figura 69 - Cineteatro da Guarda, Fachada
Imagem do autor, Agosto 2015*

O objetivo é recuperar o imóvel para a sua função original, de cineteatro, adaptando às novas necessidades contemporâneas e às exigências legais trazidas pela legislação em vigor, nomeadamente pelo Decreto Regulamentar nº 34/95 de 16 de Dezembro que regulamenta as condições técnicas e de segurança dos recintos de espetáculos e divertimentos públicos.

O Cineteatro da Guarda está fechado desde o final da década de 80, vindo desde essa altura a degradar-se sem que tenha sido tomada qualquer ação de preservação. Encontra-se neste momento selado ao público e em risco de desmoronamento, com alguns elementos já nessa fase, como por exemplo o telhado da sala de espetáculos.

4.2.2. Objetivos

O objetivo da realização deste projeto de reconstrução do Cineteatro da Guarda é recuperar um edifício que já foi, em tempos, um ícone da cidade, que nos seus tempos áureos era um local grande importância e de encontro da população local. Com este projeto pretende-se dar a conhecer o cineteatro a gerações recentes, que nunca puderam usufruir deste edifício

marcante e que apenas o reconhecem pela sua imponente fachada ao abandono. Com esta intervenção no cineteatro haveria a possibilidade de reclamar o centro histórico da cidade para os cidadãos, que se encontra cada vez mais ao abandono em detrimento da periferia.

Com a proposta de reconstrução do cineteatro pretende-se promover as potencialidade turísticas e culturais da cidade e valorizar o património arquitetónico e cultural, reafirmando as suas tradições.

Neste sentido, pretende-se manter as funções originais do edifício adequando-o aos tempos modernos. Com isto, pretende-se modernizar e dar novo aspeto à sala de espetáculos e dotar o edifício de novas e melhoradas condições para o público e artistas. Assim como munir o cineteatro de novas funcionalidades que promovam o comércio e socialização dos habitantes. A proposta dispõe de espaços dedicados à restauração, comércio e à cultura.

4.2.3. Localização

O Cineteatro da Guarda localiza-se no centro da cidade, fora das muralhas, mas numa zona de construções antigas. Está de face voltada para o Largo de S. João com parte da fachada principal virada para a Rua Vasco da Gama e a outra para a Rua Dr. Francisco dos Prazeres.

Como outros cineteatros da época, e devido legislação em vigor na altura da construção, este encontra-se construído num gaveto. Com o adensar de imóveis em seu redor as restantes fachadas foram absorvidas por um núcleo de edifícios. A necessidade de acessos a estas fachadas obrigou à reestruturação dos novos edifício para que fossem mantidos corredores de acesso laterais ao cineteatro. Assim, o edifício tem acesso pela fachada principal pelo Largo de S. João. Por estas passagens temos acesso para as traseiras do edifício pela Rua Vasco da Gama e para a lateral do mesmo pela Rua Francisco dos Prazeres.



Figura 70 - Fotografia aérea
Google Earth

4.2.4. Programa

O programa proposto para o cineteatro surge da análise efetuada no capítulo 3, sobre os casos de estudo. Com esta análise foi possível perceber as necessidades de um edifício destas características e assim implementá-las nesta proposta.

Para elaboração do programa foi, também utilizado o decreto Regulamentar nº 34/95 de 16 de Dezembro referente às condições técnicas e de segurança dos recintos de espetáculos e divertimentos públicos. Este regulamento classifica os recintos de espetáculos de acordo com a sua utilização e lotação. Classificando assim a proposta, nos artigos 2º e 3º, como uma sala de espetáculos Tipo A1 de 2ª categoria, em que que a lotação difere entre 500 e 1000 lugares.

De forma mais completa e clara, o programa proposto é composto por áreas comerciais, culturais e privadas.

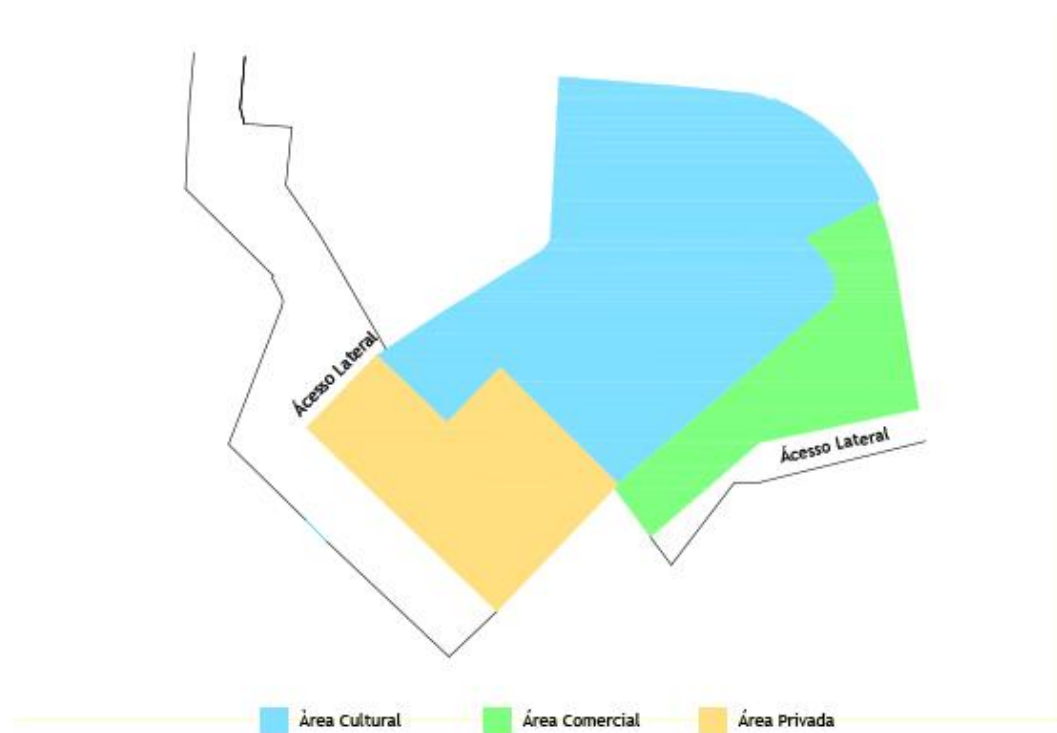


Figura 71 - Cineteatro da Guarda. Distribuição das diferentes áreas. Intervenção

As áreas comerciais possuem entradas definidas e independentes das restantes, consideram-se áreas comerciais:

1. Café, espaço independente do cineteatro, mas que possui uma ligação direta para este podendo ser utilizado pelos espetadores sem ser necessário sair do edifício. Possui casas de banho independentes e todas as condições de funcionalidade, assim como elevador de serviço.
2. Café concerto, espaço interligado verticalmente com o café. Tem condições capacidade para receber pequenos espetáculos lúdicos. Da mesma maneira que o café, possui casas de banho independentes e todas as condições de funcionalidade, assim como elevador de serviço.
3. Restaurante, este encontra-se no último piso do cineteatro, sobre o café e o café-concerto, possuindo a mesma configuração dos mesmos. No entanto, tem também, uma pequena cozinha aberta para os clientes.



Figura 73 - Cineteatro Guarda. Perspetiva do Restaurante. Intervenção



Figura 72 - Cineteatro Guarda. Perspetiva do Restaurante. Intervenção

4. Loja comercial, esta encontra-se no lado oposto do edifício. Tem entrada independente e tem como função vender *merchandise* relacionada com o cineteatro e os seus espetáculos.

As áreas culturais são referentes aos espaços destinados a receber os espetadores. Estão localizadas em redor da sala de espetáculos. Consideram-se parte da área cultural:

1. Bilheteira e Bengaleiro, este encontravam-se no exterior do edifício, para um melhor conforto dos espetadores foram mudadas para a entrada do cineteatro, de frente para a escadaria de acesso à mesma. A dimensão da frente do bengaleiro foi calculada consoante o artigo 58º.



Figura 74 - Cineteatro Guarda. Perspetiva da Bilheteira e Bengaleiro. Intervenção

2. Foyers, encontram-se em diferentes pisos e têm dimensão suficiente para receber os espetadores.

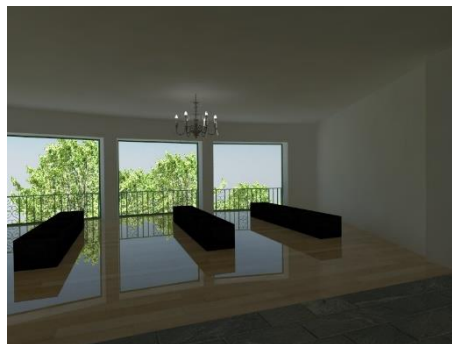


Figura 75 - Cineteatro Guarda. Perspetiva do Foyer. Intervenção

3. *Playground*, espaço destinado às crianças. Estas podem aqui passar o tempo enquanto os seus pais assistem aos espetáculos.
4. Sala Multiusos, este espaço de grandes dimensões serve de sala de ensaios, sala destinada a *workshops*, sala de dança, etc.

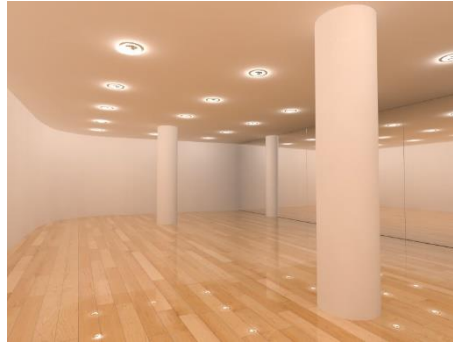


Figura 76 - Cineteatro Guarda. Perspetiva da Sala Multiusos. Intervenção

5. Sala Multimédia, como explica o nome, esta sala equipada com computadores e uma pequena biblioteca, de modo a ser utilizada especialmente por acompanhantes dos espetadores.
6. Sala Exposições, encontra-se no piso intermédio e tem capacidade para receber pequenas exposições. Aproveita os vãos envidraçados para dispor de boa iluminação natural.
7. Instalações Sanitárias, existem em todos os pisos do cineteatro e a sua dimensão foi calculada usando o referido no artigo 58°. Existem assim, instalações sanitárias masculinas, femininas e para deficientes motores.
8. Sala de Espetáculos, mantém-se a estrutura da sala de espetáculos com algumas modificações. Com destaque para a eliminação de um dos balcões, para possibilitar que a plateia tenha uma inclinação favorável para o visionamento do espetáculo. O novo balcão respeita a legislação do artigo 55°. Assim a plateia conta com 396 lugares e o balcão com 192. Conta, também, com 4 lugares acessíveis a cadeira de rodas. As escadas de acesso aos lugares estão de acordo com o artigo 70°.

As filas de cadeiras obedecem a legislação do artigo 62° que regulamenta as dimensões das filas e a dimensão do espaçamento entre elas. O desenho das cadeiras destinadas aos espetadores está de acordo com o artigo 61°, provendo um assento confortável e com bastante espaço.

Esta sala possui duas portas de entrada para a plateia e para o balcão, situadas no topo da sala e mais duas saídas de emergência dispostas perto do palco.

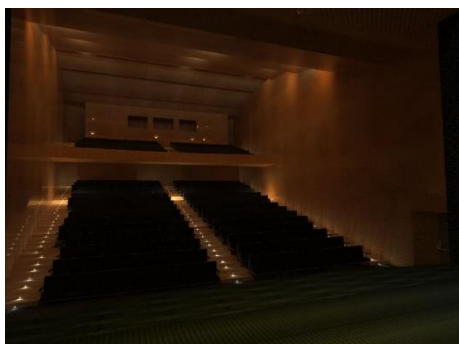


Figura 78 - Cineteatro Guarda. Perspetiva da Sala de Espetáculos. Intervenção

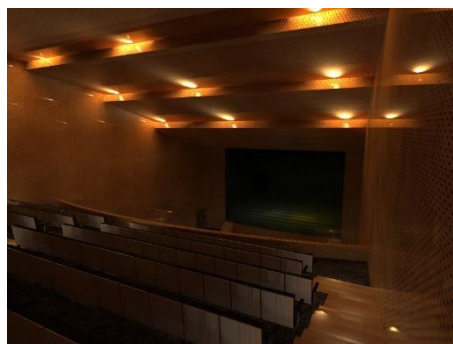


Figura 77 - Cineteatro Guarda. Perspetiva da Sala de Espetáculos. Intervenção

As áreas privadas são referentes aos locais destinados aos artistas e aos funcionários do cineteatro e do comércio. Estas possuem entradas distintas pelos acessos laterais dos edifícios. Os artistas e funcionários do cineteatro acedem ao edifício pelas traseiras, assim como os funcionários relacionados com o comércio e restauração acedem pela lateral. Consideram-se áreas privadas:

1. Gabinetes, são destinados a direção do cineteatro e contam com uma sala de reuniões. Estes encontram-se maioritariamente no bloco do edifício destinado aos artistas e funcionários, existindo também um gabinetes para as zonas comerciais.
2. Vestiários, existem vários espalhados pelo edifício e são destinados a funcionários do cineteatro e do comércio.
3. Camarins, estes, destinados para os artistas encontram-se distribuídos por dois pisos em direta comunicação com o palco. Existem camarins individuais e coletivos, ambos com todas as condições sanitárias.



Figura 79 - Cineteatro Guarda. Perspetiva do Camarin Individual. Intervenção

4. Instalações Sanitárias e sala primeiros socorros, servem de assistência aos artistas e funcionários.
5. Oficina, esta serve para a construção e manutenção de cenários e outras necessidades do cineteatro.

6. Palco e Subpalco, a caixa de palco é completamente construída de raiz, pois as dimensões da existente não permitem a existência de teia de palco. Com a nova caixa de palco existe uma teia de palco com 3 níveis. O nível superior permite acesso aos serviços de emergência pelo exterior.
O novo palco tem as dimensões de 10x9 metros com uma boca de cena de 10x7 metros. O piso do palco é de madeira e de fácil remoção permitindo assim o acesso ao subpalco de forma facilitada. Para peças mais pesadas existem um monta-cargas.
7. Fosso de orquestra, inspirado pela presença de um, o novo fosso permite o acesso mecanizado desde o nível inferior. Tem a forma do existente mas de maiores dimensões, podendo assim receber um maior número de músicos.
8. Cabine técnica, existe atualmente na cobertura do edifício, sendo o acesso pelo exterior, com a proposta passa a situar-se no balcão da sala de espetáculos. Tem a característica de ser totalmente aberta para a sala, para permitir que o som seja o mais limpo possível, aliás, da mesma maneira que se encontra nos teatros modernos.
9. Receção de Artistas, encontra-se na entrada dos artistas. Para a entrada de equipamento existe um portão de acesso direto ao palco.
10. Sala de Convívio, dispõe de máquinas de venda automáticas e mesas de refeição para os períodos livres dos trabalhadores e artistas.
11. Arrumos, existem arrumos destinados ao equipamento de palco e arrumos destinados para o comércio e restauração.
12. Sala técnica ou AVAC, local destinado às máquinas de ar-condicionado e circulação de ar, assim como todo o equipamento necessário ao funcionamento do edifício. Está situada sob a plateia da sala.
13. Terraço, mesmo não existindo na realidade, este encontrava-se no desenho original do edifício, e proporciona uma relação mais íntima com o exterior e a possibilidade de uma zona de fumadores.
14. Cozinha, serve de apoio ao restaurante e possui todas as condições de higiene presentes na lei.

4.2.5. Conceito

Perante o estado de conservação foi decidido que apenas se iria manter as partes mais significativas do edifício, a sua fachada, e a estrutura da sala de espetáculos. Com isto, todo o restante edifício seria construído de raiz apoiado na fachada principal e na sala.

No entanto, o programa do cineteatro seria disposto da mesma forma como o foi no século XX. Como foi descrito anteriormente a organização interna é regulada pelo decreto-lei nº13.564, em vigor na altura, que determina que os cineteatros são compostos por 3 partes distintas: duas referentes ao público e uma aos funcionários. De uma forma simples o palco encontra-se separado da sala e esta separação determina a volumetria e esquema estrutural do cineteatro,

com dois corpos distintos. O mesmo acontece na proposta, onde existe uma clara separação dos elementos destinados aos espectadores (sala, *foyers*, etc...), de face voltada para a rua principal, dos destinados aos artistas e funcionários (palco, camarins, gabinetes, etc...), nas traseiras do edifício. No entanto, a proposta distingue-se pela adição de uma parte destinada à função comercial do cineteatro. Esta funciona em comunicação com o resto do cineteatro.

No entanto a separação das diferentes classes sociais não se adequa aos tempos moderno, deste modo, as diferentes entradas do edifício transformam-se em entradas para diferentes espaços. A porta mais perto da Rua Dr. Francisco dos Prazeres serve agora como entrada para o espaço comercial, café, café concerto e restaura. Enquanto que a entrada na Rua Vasco da Gama serve a loja de *merchandise*. A porta com a escadaria e a porta adjacente servem d entrada principal do cineteatro.

Uma das mais importantes características das plantas do cineteatro é a existência de uma galeria que rodeia a sala de espetáculos. Este espaço permite a ligação entre a sala, os espaços de lazer e o exterior do edifício. Tratando-se de uma marca tão característica do edifício, o mesmo acontece na proposta, onde um corredor largo permite esta ligação entre os espaços. Serve ainda de ligação entre o edifício cultural e as áreas privadas do cineteatro e de acesso às saídas de emergência.

4.2.6. Espaços Interiores e Estacionamento

Como já foi referido propõe-se manter a fachada principal do cineteatro. Apenas os vãos serão alterados com a modernização das caixilharias e envidraçados, mantendo a sua cor característica de verde. A sinalização “Cine teatro” será recuperada. O resto da fachada receberá uma pintura nova da mesma cor branca. As restantes fachadas terão um aspeto contemporâneo e moderno, pintadas a branco com janelas de uma ou duas folhas com caixilharias em alumínio de cor cinza. Na cobertura da sala e caixa de palco é proposto a reposição como a original, em duas águas com estrutura metálica em treliça. O resto do edifício contará com cobertura plana não transitável.

Com exceção da estrutura e paredes da sala de espetáculos tudo o restante será construído de raiz. O número de pisos mantém-se como originalmente, com um nível subterrâneo e 3 pisos acima do nível da rua. O corpo do edifício destinado aos artistas e funcionários tem um piso subterrâneo e apenas dois superiores.

O piso da cave abrigará a maior parte dos arrumos, quer da zona comercial quer do cineteatro. Na parte cultura é aqui que se encontra a sala multiusos, o *playground*, a sala multimédia e um pequeno *foyer*. Na zona do edifício dedicada aos artistas e funcionário, este piso, é constituído por 3 camarins individuais e 1 colectivo. Conta ainda com a oficina, subpalco, acesso ao fosso de orquestra e zona técnica (AVAC). O acesso a este piso é feito pelo piso da entrada por acesso vertical, que se pode ver pelos vãos verticais de grande dimensão na fachada. Uma escadaria comunica entre o piso 0 e o piso 3, enquanto a outra comunica entre o piso -1 e 0 e o piso 2 e 3.

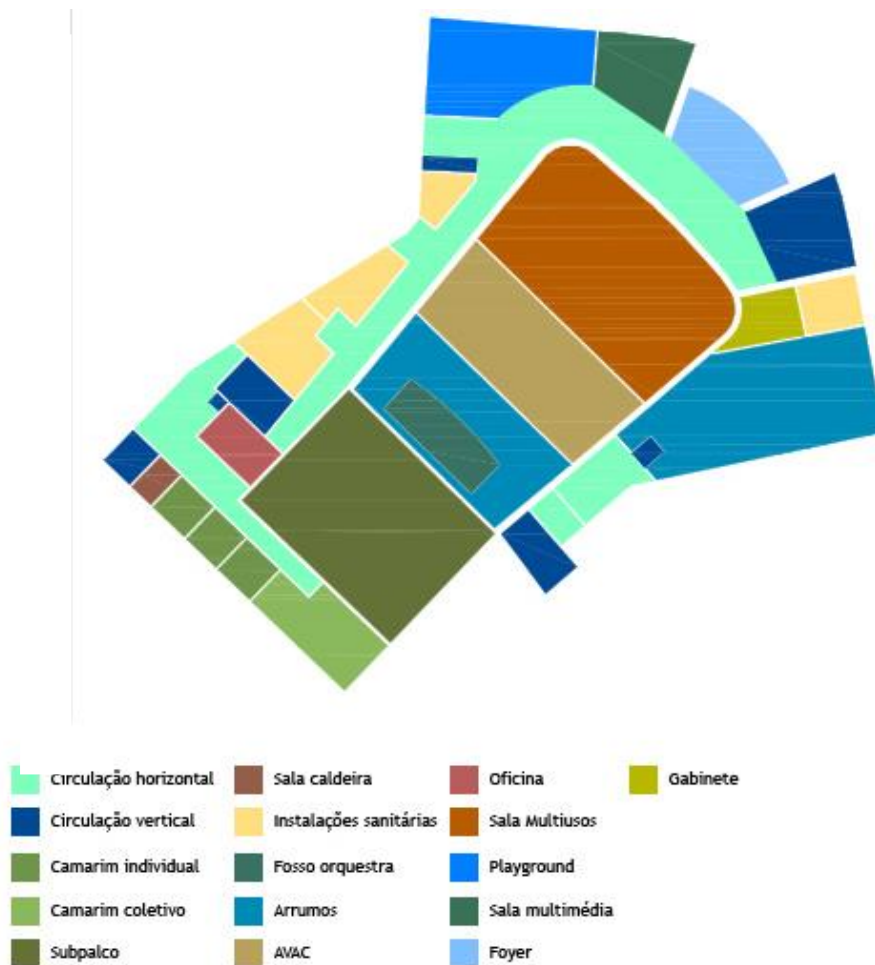


Figura 80 - Cineteatro da Guarda. Distribuição do Programa Piso -1. Intervenção

A entrada é feita pelo piso do rés-do-chão. De frente para a entrada encontramos as bilheteiras e bengaleiro. O café, apesar de ter uma entrada independente, comunica diretamente com esta por uma porta de correr á esquerda. Encontramos, ainda, neste piso a loja e instalações sanitárias. Neste nível temos acesso à zona dedicada aos artistas pela fachada posterior do edifício. Além de uma pequena receção e sala de convívio temos 2 camarins individuais, 1 coletivo de dimensões mais reduzidas e uma sala de primeiros socorros. É neste piso que temos acesso direto ao exterior para o palco.

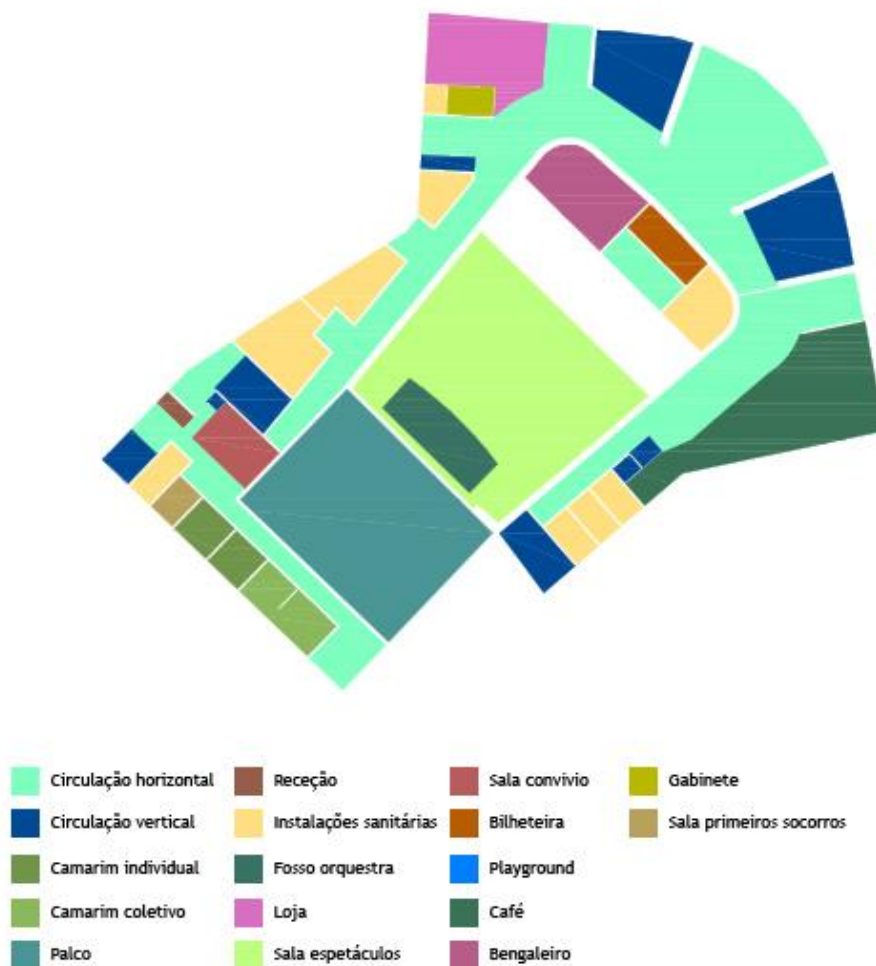


Figura 81 - Cineteatro da Guarda. Distribuição do Programa Piso 0. Intervenção

O primeiro piso proporciona o acesso à plateia da sala de espetáculos. Na zona cultural do edifício existe uma pequena sala de exposições, um *foyer* e instalações sanitárias. O café concerto tem acesso apenas por uma escadaria e elevador pelo café. Na parte posterior do edifício encontramos a zona administrativa do cineteatro com 6 gabinetes, uma sala de reuniões e instalações sanitárias.

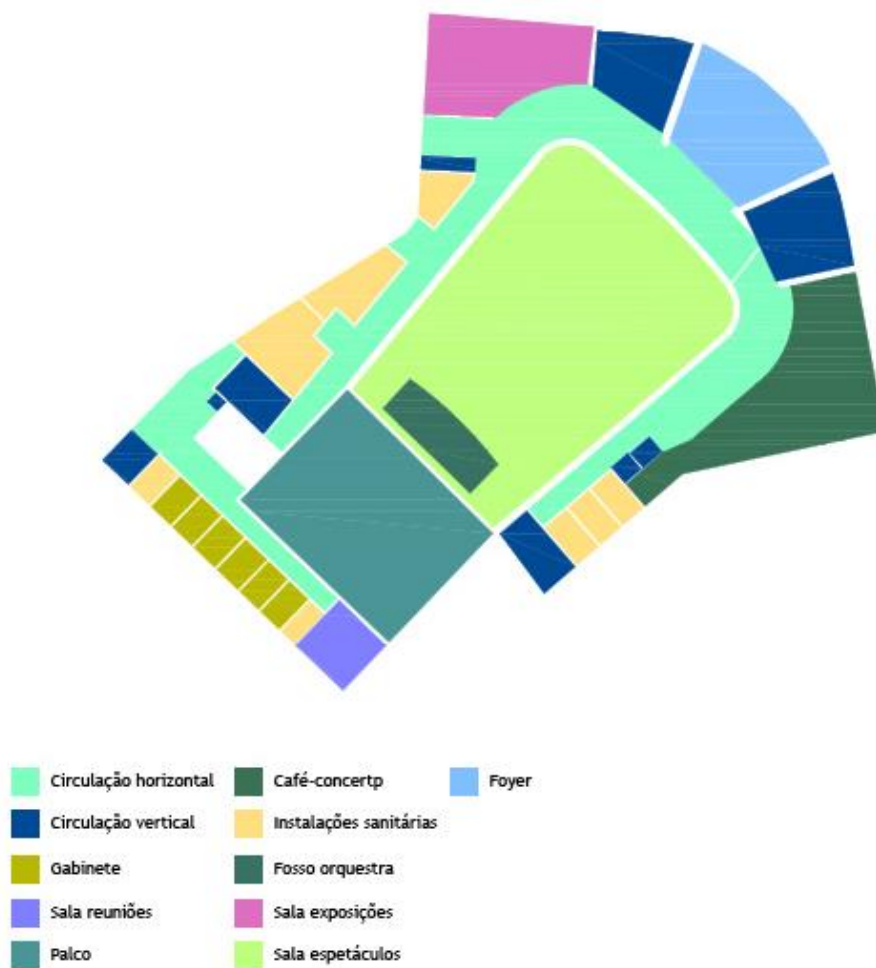


Figura 82 - Cineteatro da Guarda. Distribuição do Programa Piso 1. Intervenção

A partir do segundo piso temos acesso ao balcão e à cabine técnica. Aqui encontramos um *foyer* de maiores dimensões, o terraço e o restaurante. Este último tem apenas acesso pelo café concerto, e possui cozinha própria.

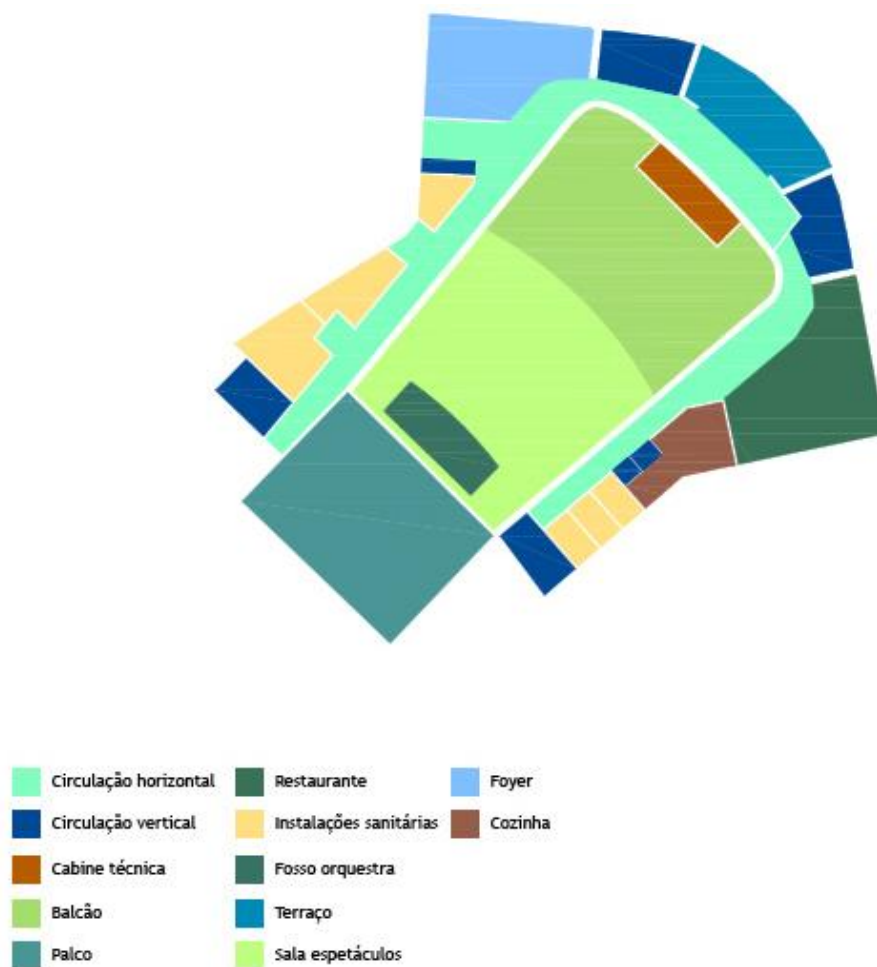


Figura 83 - Cineteatro da Guarda. Distribuição do Programa Piso 2. Intervenção

As saídas de emergência encontram-se dispostas de forma a evacuar as pessoas para os acessos laterais do edifício, de maneira que no caso de uma intervenção de emergência não estorvem a ação das equipas de emergência. Para estas está previsto uma entrada pela cobertura. De forma a facilitar a evasão de fumos da sala e do palco estão previstas claraboias no telhado das mesmas.

O cineteatro não detém estacionamento próprio, pois não possui dimensão significativa para o mesmo e não ser fiável a construção de pisos subterrâneos. No entanto, este pode utilizar o estacionamento da rua e os vastos lugares de estacionamento do centro comercial nas imediações.

4.2.7. Aspetos Técnicos e Materiais

Elementos Principais

1. Fundações: a fachada e paredes da sala de espetáculo pré-existentes mantêm as fundações das estruturais existentes, com a implementação de sapatas de betão nos novos elementos estruturais.
2. Estrutura: as paredes existentes mantêm a estrutura existente em betão e são complementadas com estrutura de betão armado, composta por caixa de escadas e elevador, pilares, vigas, sapatas e lajes maciças.
3. Paredes exteriores: as paredes da fachada principal serão mantidas, recuperadas, rebocadas e pintadas pelo interior e exterior. As novas são paredes de alvenaria duplas com isolamento e caixa-de-ar serão rebocadas e pintadas.
4. Paredes interiores: paredes de alvenaria de blocos de 15 centímetros, rebocadas e pintadas ou revestidas com cerâmicos.
5. Escadas: as escadas de emergência do cineteatro são em betão armado, já as usadas pelo público têm uma estrutura metálica com acabamentos em madeira.
6. Isolamento térmico e acústico: as paredes exteriores construídas de raiz incluem isolamento XPS- WALLMATE de 6 cm no núcleo. A cobertura da sala de espetáculos contará com isolamento dos painéis SANDWICH. A restante da cobertura com ROOFMATE de 8cm. As paredes interiores da sala de espetáculos serão revestidas de painéis de madeira acústica perfurados e elementos de absorção acústica. Estes elementos serão dispostos angularmente de forma a reduzir a possibilidade de ecos.
7. Coberturas: as coberturas inclinadas da sala de espetáculos e caixa de palco são revestidas com painéis SANDWICH sobre estrutura metálica. O resto do edifício a cobertura é plana com acabamento em gravilha.

Elementos Secundários

1. Vãos exteriores: caixilharia de alumínio anodizado com acabamentos em cor verde e a aço escovado, com vidro duplo. Janelas basculantes para garantir a circulação de ar.
2. Proteção solar: sistema de cortinados interiores tipo *blackout*.
3. Portas interiores: portas de aro à face em madeira laminada; portas de correr em madeira laminada.
4. Rodapés: de madeira, embutidos e com o mesmo acabamento das portas.
5. Guardas: em vidro laminado com perfis em alumínio.
6. Sanitários: sanita, tipo “TOCAI” da Sanitana; lavatórios da mesma gama em base de madeira; urinóis tipo “CAPRI” da Sanitana e bases de duche com ralo embutido no pavimento.

Revestimentos e Acabamentos

1. Paredes exteriores: rebocadas e pintadas de cor branca.
2. Paredes interiores: em geral rebocadas e pintadas com tinta plástica de cor branca. Nas zonas de águas e serviços, como cozinha, sanitários, vestiários e arrumos, revestidas com material cerâmico.
3. Pavimentos: zonas comuns em soalho de madeira; zonas de circulação em granito; zonas de serviços em mosaico cerâmico idêntico ao das paredes.
4. Tetos: tetos falsos em gesso cartonado tipo “*pladur*”, com iluminação embutida

Reflexões finais

Durante o século XX, Portugal e os seus habitantes mudaram drasticamente. Enquanto anteriormente os habitantes de Portugal viviam maioritariamente da terra e da agricultura, durante o decorrer do século, estes vão mudar profundamente o seu modo de sobrevivência.

Com o desenvolvimento industrial muitas são as pessoas que abandonam as terras e se deslocam para as cidades em busca de melhores oportunidades de emprego e de condições de vida.

Inicialmente, estes trabalhadores tinham poucos direitos, trabalhando longas horas sem descanso. No entanto, com o passar dos anos e de duras lutas de sindicalistas acabam por conseguir legislação que os proteja. A lei que restringe o horário de trabalho, o salário mínimo obrigatório e mais tarde as férias pagas vêm alterar por completo as suas vidas. As classes inferiores passam a ter tempo livre, que, anteriormente, estava apenas destinada para burgueses e aristocratas. As atividades de lazer passam a estar ligadas a todas as classes. As classes superiores preferem os bailes privados e *soirees*, enquanto que as classes trabalhadoras o futebol e os cafés.

O aparecimento do cinema veio alterar a forma como as pessoas ocupavam os seus tempos livres. Torna-se uma ocupação para todas as classes. Ir ao cinema é mais que ver um filme, é um ato social, onde as pessoas se encontram e convivem.

O animatógrafo começa como um complemento de outras atividades. Com pequenos filmes a passarem durante espetáculos de teatro. Ou espetáculos itinerantes que se promoviam em locais com muitas pessoas. As primeiras salas de animatógrafo não passavam se espaços ocupados por cadeiras dispostas para uma tela.

Com a evolução do cinema, nomeadamente os filmes sonoros e o aumento de espetadores, houve a necessidade de espaços maiores. Assim os teatros foram invadidos pelo cinema, sofrendo alterações para receber a cabine de projeção. Chegavam a alterar os seus nomes, como o S. João no Porto, que se passou a chamar S. João Cine.

Porém, com a evolução do cinema e com cada vez mais espetadores, estes locais adaptados não eram suficientemente cómodos e modernos. Surgiu então a necessidade de um espaço criado para o efeito.

Foi criada a IE que tinha como função fiscalizar os projetos dos espaços destinados a qualquer tipo de sessão cinematográfica. A entrada em vigor do decreto-lei nº13:564 veio obrigar a conjugação dos programas cinema e teatro. As localidades que não dispunham de outras salas

de espetáculo ou teatros só poderiam construir cinema conjugados com teatros, assim o edifício teria de ter palco e camarins.

O uso do betão, que começou por ser obrigatório por questões de segurança começa a ser usado mais amplamente, permitindo os grandes vãos e fachadas amplas e lisas.

Também por questões de segurança, esta legislação, obrigava o edifício a possuir mais que uma fachada com acesso à rua. Assim, os cineteatros eram muitas vezes construídos em gavetos ou obrigava a construção de acessos laterais com características de ruas, para assim existirem acessos privados para o palco e camarins.

Devido à distinção regida das classes sociais, muitos dos cineteatros possuíam entradas diferenciadas para que espetadores de diferentes classes nunca se encontrassem. Consequentemente, obrigava que o edifício possuísse diferentes espaços reservados para a mesma função, como bilheteiras, *foyers* e casas de banho.

Foi esta legislação que veio moldar e criar os cineteatros tal como os conhecemos.

No entanto, tal como as alterações na sociedade sofridas durante século XX, também com o seu fim viriam alterações. O aparecimento da televisão veio afastar as pessoas dos cineteatros, que se concentravam em associações ou cafés que possuísem um aparelho. Efetivamente, a televisão permitia entrar em contacto com todo o mundo e, por isso mesmo, rapidamente se difundiu e espalhou pelos lares dos portugueses.

Os cineteatros cada vez mais abandonados acabam por ficar desatualizados e sem investidores para a sua modernização, que não veem rentabilização nestas salas de grandes dimensões. Por outro lado, as novas salas de cinema, presentes nos centros comerciais, são mais pequenas, cómodas e fáceis de rentabilizar. Face a esta nova realidade os cineteatros ao abandono acabam por fechar devido à falta de condições e degradação pelo pouco ou nenhum investimento em manutenção e modernização.

Contudo, como se viu nos casos de estudo, algumas câmaras municipais e privados não querem esquecer por completo a história dos cineteatros. Procuram assim recuperar estes edifícios, quer para o uso para que foram construídos, quer para diferentes usos, mantendo assim as memórias de edifícios que outrora foram polos importantes de cultura e sociabilização. Não esquecendo a localização preferencial destes edifícios nos centros das cidades, que se encontram desertos e ao abandono, poderia ser uma forma de modernizar e trazer a população de regresso aos mesmos. Assim para não esquecer a importância e o que representaram para a sociedade torna-se fundamental a intervenção nestes espaços de forma a manter a sua ligação com a população.

Com este pensamento foi feita uma proposta de reconstrução do cineteatro da Guarda, que se encontra ao abandono desde o fim da década de 80. Esta proposta incide na reconstrução da sala de espetáculos dotando-a de todas as modernidades existentes. Assim como a criação de espaços de convívio, comércio e restauração de maneira a que seja um edifício o mais sustentável possível.

Os casos de estudo foram importantes para o desenvolvimento do programa da reconstrução.

O edifício é inspirado na história dos cineteatros, mantendo principalmente a fachada original, a cara que mostra ao público.

A realização deste trabalho permitiu adquirir novos conhecimentos sobre a história de Portugal no século XX, como se vivia e de que maneira a sociedade portuguesa evoluiu. Com este estudo percebi a importância do cinema para o desenvolvimento cultural do país e para a vida social dos portugueses.

Os cineteatros tornaram-se rapidamente núcleos centrais sociais e culturais das cidades e deve existir o esforço de os preservar. Foi um prazer conhecer e transmitir este conhecimento do cineteatro da Guarda. Um edifício que não passa despercebido na cidade, mas que, no entanto, caiu no esquecimento e já poucas pessoas o relembram pelas suas virtudes e momentos áureos. Assim, com a minha proposta, espero dar a entender que é possível criar ali um espaço moderno e de utilidade pública preservando a sua história.

Referências Bibliográficas

Arquivos

Arquivo Municipal da Guarda

CMG, Processo de obra nº01-1948-146 “Cineteatro da Guarda”

Obras citadas e consultadas

BARATA, José Oliveira. *História do Teatro Português*. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

BARRETO, António. *A Situação Social em Portugal 1960-1999*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 1996.

BASTOS, Sousa. *Dicionário de Teatro Português*. Coimbra: Edições Minerva, 1994.

BRAGA, Teófilo. *O povo português, os seus costumes, crenças e tradições: Volume 1*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

CARNEIRO, Luís Soares. *Teatros Portugueses de Raiz Italiana*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Arquitectura da universidade do Porto, Porto, 2002.

CORBIN, Alain. *História dos Tempos Livres*. Lisboa: Teorema, 2001.

COSTA, António Pinto. *Portugal Contemporâneo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005.

DIETRICH, Jochen. *Cine Teatros de Portugal*. Leiria: Tipografia LIS, 1998.

FERNANDES, José Manuel. *Cinemas de Portugal*. Lisboa: Inapa, 1995.

FERREIRA, Carolina Overhoff. *O cinema português através dos seus filmes*. Porto: Campo das letras, 2007.

FRANÇA, José Augusto. *O modernismo na arte portuguesa*. Lisboa: Instituto de cultura e língua portuguesa, 1979.

FRANÇA, José Augusto. *Os anos vinte em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

H.A., Oliveira Marques. *História Portugal Contemporâneo: Economia e sociedade*. Lisboa: Universidade Aberta, 1993.

PASCOAL, Marta. *Lazer e Divertimento*. Lisboa: Editorial Presença, 2004.

PINA, Luís de. *A aventura do cinema português*. Lisboa: Vega, 1977.

PINTO, António Costa. *Modern Portugal*. Palo Alto: The society of Promotion of Science and Scholarship, 1998.

PORTUGAL, *Cinamateca Portuguesa*. Cinema vai ao Teatro. Lisboa: Cinamateca Portuguesa, 1997.

RODRIGUES, Américo. *Caminhos. Sinais. Sentidos.TMG[2005-2010]*. Guarda: Culturguarda, 2010.

SARDICA, José Miguel. *O Século XX Português*. Alfrachide: Texto, 2011.

SERRA, Mário Cameira. *Memória dos Divertimentos e Jogos das Crianças no Centro Histórico da Guarda, nos anos 50 e 60 do século XX*. Guarda: CMG, 2011

SILVA, Susana Constatino Peixoto da. *Arquitectura de Cine-teatros: Evolução e Registo (1927-1959)*. Coimbra: Edições Almenida, 2010.

TEVES, Vasco Hogan. *RTP 50 Anos de História*. Lisboa: Tipografia Peres, 2007.

TORGA, Luís Reis. *O cinema sob olhar de Salazar*. Lisboa: Temas e debates, 2001.

Artigos em periódicos

GOMES, Fábio. “*Antigo Cine-teatro da Guarda motiva queixas de insalubridade*” O Interior, Outubro, 2012: Edição Online

MARTINS, Luís. “*Cine-teatro da Guarda à venda*” O Interior, Fevereiro, 2008: Edição Online

Endereços eletrónicos

“Cineteatro Alba” (online)

Em: <http://www.cineteatroalba.com/> (consultado em Março de 2014)

“Espaço tempo e utopia” (online)

Em: <http://www.etu.pt/Forum-Luisa-Todi.html> (consultado em Março de 2014)

“Fórum Luísa Todi” (online)

Em: http://www.forumluisatodi.pt/?page_id=79 (consultado em Março de 2014)

“Frederico Valsassina Architectos” (online)

Em: <http://www.fvarq.com/> (consultado em Fevereiro de 2014)

“Restos de colecção” (online)

Em: <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2011/01/cinema-eden.html> (consultado em Fevereiro de 2014)

Documentários e filmes

A severa. Direção: José Leitão de Barros. Lisboa: Sociedade Universal de Superfilmes, 1930. 104 min.

Em: <https://www.youtube.com/watch?v=xHU2bLZmNMw>

A vida e obra de Cassiano Branco. Direção: Edgar Pêra. Porto: RTP, 1991. 56 min.

Em: <http://www.rtp.pt/arquivo/?article=704&tm=22&visual=4>. Acesso em: Março.2014.

Legislação

Decreto Regulamentar nº 34/95 de 16 de Dezembro. Diário da República nº 289/ 95 série I-B. Lisboa

Anexos